MARIA FEIO

# ALMA DE MULHER

Notas de um diario intimo de reflexões

FAMALICÃO
TIPOGRAFIA "MINERVA"
—
1915

P.

# ALMA DE MULHER

# Obras da mesma autora

## Publicadas:

«Conferencias».
«Para as crianças».
«Argumentos».
«Verdades».
«Calvario de mulher»

## A saír em breve:

«A Biblia de Lar».
«Cartas a Luiza».
«Redenção» (romance).
«Cartas de amor».
«Os contos da Avósinha» (literatura infantil).

MARIA FEIO

Numero na estante 14
Biblioteca Movel-Tipo 6 n.º 23

# ALMA DE MULHER

Notas de um diario intimo de reflexões

5101

FAMALICÃO
TIPOGRAFIA "MINERVA"
—
1915

L
100433
INCORPORAÇÃO
821

A' minha ilustre e idolatrada amiga

a Senhora

# D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

Assim como o sol é uma poderosa concentração da energia cosmica que illumina o mundo, que embeleza, aquece e cria, assim a bondade é a condensação limpida do amor que reaplandece nas almas nobres, vivificando, inspirando, regalando e aperfeiçoando.

# A' mocidade academica de Coimbra

*Viver é progredir, é criar, é amar, é aspirar á perfeição, é dilatar as azas do pensamento e do coração pelos vastos e limpidos horizontes da actividade espiritual e de progresso que tem como finalidade o bem estar collectivo e individual.*

*Ao meu filho*

# *Sebastião Teixeira Gomes*

*O talento abre as portas da gloria e da fama. A riqueza é o céu constelado que alcae todas as ambições. Mas superior á gloria, á fama e á riqueza, existe um maior tesouro que toda a criatura deve acumular como o segredo da felicidade. E' a brandura de caracter, é a amenidade delicada do espirito. Diz «Smiles» que os homens bondosos e urbanos, constituem a parte activa e nobre da humanidade.*

ESTA publicação tem apenas um fim, abrir nos espiritos a luz das belas ideias e desenvolver nos corações a aspiração dos elevados sentimentos.

Não é um livro com pretensões literarias ou artisticas. São trechos de alma que o pensamento vai coligindo e a pena inquieta e nervosa de quem não sabe o que é a tranquilidade feliz dos felizes, ou a inercia esteril dos indiferentes, vai exteriorizando arduamente entre o marulhar impetuoso de um oceano de egoismos que é a sociedade actual. São absolutamente contrarias á harmonia estetica de um *livro*

*bem feito* todas as condições em que eu trabalho. E, ao cuidar de agrupar em pequenos volumes algumas reflexões do meu espirito, eu penso exclusivamente na difusão das ideias e na realização da obra de educação moral em que se enlevam os meus pensamentos.

A base fundamental d'essa obra será a receita material colhida da venda d'estas publicações, visto que me decidi a contar *só comigo* para obter o fundo monetario destinado á fundação do Congresso de Educação e Pacifismo.

A precipitação traz sempre a contingencia de lapsos e confusões. Mas, a vida é tão curta e tão poucas as vocações que se consomem no anceio inquieto e febril da felicidade humana!...

Disse um eminente filosofo, que as

consciencias mais nobres eram as que tinham mais pressa de realizar o bem, e as que julgavam sempre pouco o bem realizado.

Pensemos como esse filosofo e assim ficarão desvanecidas pelo julgamento benevolo dos leitores de uma «*Alma de Mulher*», todos os defeitos de que se ressente a fórma e a disposição literaria que lhe reveste as emoções sinceras e vibrantes. E um dia, quando um conjunto de mais calmas e libertas condições o permitirem, eu pensarei, escreverei, e publicarei alguns livros *regulares* e mais em harmonia com as leis da estetica e as predilecções do publico.

# Á

*Excelentissima Senhora Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos e minha idolatrada amiga:*

A si toda a minha alma, a si todo o meu respeito idólatra, a si toda a minha devota admiração pelo muito que lhe devo e pelo que de mim fez a luz do seu espirito e a ternura sublime do seu coração que bemdigo e bemdirei eternamente. E no fervoroso exprimir da minha alma grata e comovida, não me cega a auréola luminosa de que a cérca a fanatica admiração do meu reconhecimento subjugado pela irradiação da sua tão subtil quanto infinita boudade.

Esclarece-me apenas a luz da verdade.

Aquece-me sómente a chama de um immenso amor humanitario que se ateou no meu coração cultivado pelo seu desvelado carinho. Por isso lh'o devolvo condensado na idolatria com que a diviniso e venero. Justa idolatria que se não confunde com nenhum interesse convencional por ser uma expressão bem cristalina de justiça. Idolatria que é um dever, um sentimento reconhecido florindo da haste mirrada do meu desalento antigo transformado pelas suas mãos em rebento florido de fé e esperanças novas e ideaes.

Eu as venero essas mãos de inspirada que sustiveram á beira do abysmo em que se precipitam os torturados, a caminheira da desdita esmorecida de desconforto n'uma vida de penas que era a morte, e avançando através da espessa neblina de sombras, de duvidas, de penas e de nostalgias.

Bemdigo, hoje e sempre, esse gesto, que amparou as mãos que se lhe estenderam, impulsionadas pela força misteriosa do instinto, e certas de encontrar consôlo e refugio no seu nobre coração.

E, invocando o Ideal Sagrado da bondade, a minha alma se curva em devoção suprema e eterna perante a grandeza de espirito e de sentimento, que envolve a sua

fisionomia de um nimbo de atraente e inconfundivel sedução espiritual. Por isso, lhe ofereço, nas flores silvestres da minha Arte, mais humana do que estetica, este produto das reflexões que muito lhe devem, pois que, sem a lei da atracção que faz a comunhão dos espiritos, talvez eu não me tivesse animado a realizar este e outros trabalhos sociais. Embora filhos da minha obstinação doutrinaria e da espontaneidade dos meus impulsos de apostolado, eles ficariam sem execução, se não tivesse a certeza de sentir a meu lado a força da sua força, o calor amoravel da sua amoravel dedicação e do seu altissimo entendimento. Cabe-lhe, pois, um lugar de honra na honra de aceitação que, por ventura, este meu trabalho mereça ao ilustre Corpo Docente da Universidade e á briosa Academia, entre a qual se conta uma legião de admiradores do seu raro valor moral e intelectual, tão apreciado e venerado por discipulos e colegas.

Por dever lhe consagro a parte espiritual d'este trabalho, que divido em tres expressões: espiritual, sentimental e moral.

A si lhe pertence a primeira, visto que tanta força moral e inspiração orientadora me tem vindo do seu privilegiado espirito

baptisado de luz n'esse sempre grande Paiz que a lei dos inevitaveis fenomenos sociaes anarquizou para que de um ultimo arranco de guerra surja um bemdito e luminoso clarão de Paz fecunda e perduravel. Esse Paiz do progresso e do trabalho, onde, embora exista, como em todas as nações, o instinto barbaro e selvagem que se revela feroz na embriaguez da guerra e no delirio desumano e impetuoso da defesa, jámais deixará de ser um centro de intelectualidade mundial que burilou de saber e de refulgencia creadora os genios de Goethe, de Schiller, de Wagner, de Kant.

Por isso me cumpre fazer justiça integra, exacta, imparcial, ao seu espirito e á sua alma de imensa e subtil magnanimidade como outra se me não depararou ainda na terra inculta do meu amado Paiz, tanta vez cego nas suas inconscientes e fanaticas revoltas, esquecido do mal que a si proprio prepara a dentro dos seus muros em perigo de ruina total.

Com a consciencia liberta e destemida, acompanho pois d'estas expressões expontaneas, sentidas e justas, o ofertorio de expressão espiritual da minha obra modesta, dedicando a parte sentimental ao filho do meu seio a quem se prendem as raizes da

minha alma maternal. E a parte moral á simpatica academia coimbrã, acompanhada dos meus votos afectivos pela libertadora e positiva felicidade dos seus destinos.

Dar-me-hei por bem retribuida do arduo labor a que me consagro, a despeito de hostilidades e embaraços que dificultam o meu esforço e retardam o seu efeito, se fôr comprehendida a minha intenção. Dispendendo inergias fisicas e morais superiores ás que possuo, e creando-me dificuldades que revertem em prejuizo economico, animei-me a vir lançar uma iniciativa de urgente educação moral n'este grande centro Universatario onde a organização do ensino intelectual abstrae talvez um pouco do genero de aperfeiçoamento moral relacionado com os assuntos que me serviram de tese. Oxalá seja desdobrada a minha iniciativa por espiritos de maior envergadura de que o meu, e mais scientificamente preparados.

E, embora muitos entendimentos eivados de pessimismo e retraídos por escassez de ardor inicial contestem o efeito da educação por meio da Conferencia, eu insisto, porque assim m'o indica a experiencia, em acreditar que esse meio exerce sempre eficacia sobre um maior ou menor numero de

caracteres. Se não é imediata a consequencia, a verdade é que fica germinando a semente que mais tarde amadurecerá o fruto e o multiplicará. E se entre uma multidão hostil e rebelde alguns poucos espiritos assimilarem o principio e a ideia, esses, por si sós, valerão por todos os adversarios e disporão os elementos para a obra da regeneração.

Já Schopenheuar dizia que se entre um milhão de individuos um só adoptasse uma doutrina elevada, esse teria o valor de todos os que a renegavam por incomprehensão. Baseada n'esta teoria fica sempre firme a minha fé. Que jámais me falte a ampara-la, a força que devo ao seu carinho e inteligencia. E nunca esmorecerá no meu animo atormentado, o ardor necessario para o combate dos grandes ideaes.

# FILHO!

FOURIER, o assombroso doutrinario tão apologista da religião do amor e da libertação, dizia nas suas luminosas teorias de vidente: «Tudo quanto contraría o desenvolvimento da nossa vocação é lei ficticia. Não ha outra lei senão a da vocação e a da felicidade.»

Essa lei justifica-a plenamente a vida de quem te deu o sêr, e que, desviada de seu curso, alastrou em terreno de dôr imensa até refugiar-se, como consolo unico, á sombra de ideais que constituiam a sua nativa vocação.

E, no desvio da sensibilidade anteriormente consumida fóra das primitivas aspirações, hoje, eu lamento o marco da sepa-

ração que me rouba ao desejo de acompanhar a tua vida com o conselho maternal e previdente que a toda a hora quizera dar-te a minha experiencia terna e solícita.

Mas, fóra de ti e d'aqueles que te pertencem e eu estremeço intensamente, sempre comigo está a canceira dos vossos destinos, e a saudade de uma vida que entre vós sonhei, e não pude realizar.

Consagrando-me á missão evangelizadora que abrange a reabilitação da sociedade por meio da reabilitação das gerações novas, eu sinto desdobrarem-se da minha alma de emotiva, parcelas d'aquela ternura infinita que só as mães sabem experimentar e repartir.

Nos três problemas que me merecem especial atenção, estão incluidas todas as preocupações que me sugere a ambição da tua felicidade. O *problema da infancia,* a *educação das tendencias morbidas da juventude,* e a *harmonia dos sexos,* são assuntos que se prendem directamente a todas as garantias de uma felicidade bem compreendida e bem orientada, quer seja dentro do lar, quer na vida publica.

Dentro d'esse circulo de elementos em que se funda a sciencia da vida e da felicidade, ha muito que estudar para d'esse

estudo extraír a alegria de existir e a luz que espalhará jorros de verdade sobre tanta desgraça humana, que é sinonimo de inconsciencia.

Assim, na solicitude que me merecem os destinos da mocidade tua contemporanea, é a ti que eu vejo, é a ti a quem amo, e é a ti a quem me devoto, oferecendo á tua inteligencia, moça e esclarecida, o fruto amargo das minhas longas e penosas reflexões.

Será essa oferenda uma fórma de compensar-te dos efeitos que, por ventura, se reflectissem desfavoravelmente na tua vida, motivados pela ingenua experiencia da mãe adolescente e amoravel, tão alheia ás graves responsabilidades de uma maternidade precoce.

E se tu e eu igualmente saímos vitimas de prejuizos cujas causas só á sociedade pertencem, que ambos nós saibâmos filtrar da lição dos factos, todos os remedios que aproveitem á nossa vida e á das sociedades.

Por isso, para ti é o que escrevo e penso, — filho do meu fragil e inocente seio de criança, fruto da minha desdita, vitima da minha inculpada inconsciencia, e a quem quero tanto como á dôr que fez de mim o que hoje sou!

Como eu quizera que a minha experiencia de agora fosse guia e estímulo para dares á tua vida um rumo de perfeição e de felicidade!

Hoje, que sobre ti pesam as delicadas responsabilidades da familia e de uma melindrosa função social, quanta condição especial tens de observar para seguir na direcção acertada que conduz á felicidade, pendente da arte de saber viver!

A carreira que escolheste, representa uma fórma nobre de humanitarismo, que deve exercer-se como um sacerdocio, em vez de ser encarada como mera profissão mercantil e calculada. A natureza dotou-te com um intelecto superior. E as leis da hereditariedade deverão fazer de ti, o continuador das raras qualidades de altruismo e de capacidade pensante que distinguiram teus avós maternos. Compenetrando-te d'essa grave sciencia da vida, tão ignorada, darias ao feliz conjunto de elementos, que reunes, uma nobre e exemplar aplicação de vantagens sociais e particulares.

Escolheste para têma da tua dissertação medica, o estudo de uma recente descoberta destinada a combater uma das mais horriveis enfermidades que flagela a humanidade,

sob duas fórmas de consequencia apavorante.

Esse estudo liga-se estreitamente a muitas das causas que venho combatendo. E considero esse estudo de mais radicais vantagens do que a do sôro que merece o teu cuidado scientifico e em cuja descoberta e aplicação se requeimam tantos espiritos, não indo muito além das vantagens que imortalizam o genio inventivo do homem, poisque permanecem no genero de inovações que não curam o mal pela raiz.

Eis aqui um ponto de preciosissimo alcance social em que eu desejára ver fixar as tuas faculdades de excepção.

Estudar essa chaga cancerosa da prostituição e das enfermidades morais e fisicas que se geram n'esse terrivel mal de corrução; combater pela ideia, por todos os meios possiveis, por todas as medidas activas, toda a semente das tendencias morbidas; eliminar, á força de higiene fisica e moral, todos os microbios reprodutores da desgenerescencia; fortalecer a infancia pelo conselho medico e previdente; prevenir os assaltos do vicio na adolescencia, e aconselhar a mocidade, impulsionada e doentiamente hiperestesiada, a exercitar-se n'um genero de vida moderado, preventivo

e salutar, regulamentando, por normas reconstituintes e de saneamento moral, a rebeldia de habitos e instintos degenerados — que campo tão vasto, tão util e produtivo, para a medicina moderna exercer a sua verdadeira função social salvadora, humana e reabilitante!

Como eu desejára que te compenetrasses da grandeza d'esse sacerdocio, e o exercitasses fervorosamente! Colherias aí frutos de reconfortantes consolações morais. Seria essa uma fonte de abundantes e cristalinas distracções, e uma fórma preciosa de expansão que dilataria brilhantemente a tua exuberancia intelectual e sentimental. E fugirias ás tentações que espreitam os temperamentos impulsivos com os olhos glaucos e electrizantes de serpente e que podem enroscar-se á tua vida para estrangular-te a felicidade em abraços traiçoeiros de paixão fatal e delinquente.

Nos conselhos que te dou aqui, vai a minha comovida aspiração á tua felicidade perfeita e duradoura. N'ela se conglobam os teus interesses e o futuro das criancinhas, que são globulos do meu sangue, fibras da minha alma, geradas pela minha dôr e pelo teu amor.

Já que, ao educar-te, a minha infantil

ignorancia desconheceu o que hoje aprendeu á custa de tanto sofrer, suplico-te que faças das tuas filhinhas rebentos fortes e sadios, para resistirem ás eventualidades da vida e se criarem para a alegria fecunda e tranquila da familia e da sociedade.

Que elas sejam belas, graciosas e joviais. Que a sua saude, a sua robustez, e a sua beleza, sejam a tua religião, o teu orgulho, a tua preocupação. E será harmonioso e sorridente o teu viver, folgada, contente e serena a vida da doce, encantadora e terna esposa que o destino, em bizarria de rara oferenda, colocou junto do teu coração.

Que o teu lar rescenda a flores; que dentro d'ele vibrem todas as divinas maviosidades da arte, do conforto, da Paz e do amor. Foi esse o lar que eu sonhei. E foi esse o que o destino me negou. Bemdita seja, porém, a dôr que viveu comigo dentro d'aquele onde morri para a felicidade, e renasci para outra vida, que hoje pertence á humanidade, como simbolismo de tormentos inconcebiveis, que convertem a mulher em martir dos preconceitos, e que dispersam a familia, desequilibrando a sociedade. Assim deves compreendê-la para respeitar *todas as causas* sobreviventes do passado, e

todas as contingencias que o futuro prepare como acidentalidades provenientes do anormal incidente que tem sido a vida da tua mãe, transformada em rigido emblema da arbitrariedade convencional.

Mas que tu saibas, da coroa de espinhos que macerou a minha fronte amargurada, fazer brotar rosas de gloriosa verdade. Transforma-a tu em auréola de prestigio que engrandece todos aqueles que sabem fazer do sentimento, da ideia, e do facto, agentes de justiça e perfectibilidade para realizarem existencias nobres e exemplares. Que o teu espirito e o teu coração assimilem esse ideal de beleza estetica e humana. Faz d'ele uma luz auroreal que ilumine, que resgate, que aponte ás gerações novas as bases solidas e florescentes em que deve edificar-se o monumento da sua felicidade que depende da harmonia dos sexos, da libertação e da educação de ambos, e da compreensão exacta da vida, no seu fim superior e belo.

# VERDADE

Eu te invoco, ó grandeza genesica da natureza, ó misterio cosmico resplandecente de astral maravilha e de enigmas belos e profundos! Eu te invoco porque de ti vem a lição que esclarece os homens, a luz que ilumina o Universo, a beleza que recama e enflora a terra.

Perante o teu poder omnipotente abate-se a fragil soberania dos homens. Reduz-se á dôr e á desgraça, porque vae de encontro ás tuas leis. E o castigo de rebelião pesa sobre os seus destinos, como uma lenda eterna de infortunio contrária a toda a harmonia.

Desde a genese, imersa em misterio e sombra, até ao seculo do *radium* e das on-

das hertzianas que a sciencia perscruta o enigma da tua vida e o segredo da tua intangibilidade. Voltam-se para ti os olhares sequiosos dos sabios iluminados pela tua infinita irradiação cosmica, ávidos de surpreender nos teus movimentos a origem e o fim da vida. E, se muitos segredos teem desvendado, muitos teem que profundar.

Todavia, entre noções vagas e indecisas que mantem a perplexidade sobre certos fenomenos, bem positiva é a verdade que nos dá o espectaculo de harmoniosa grandeza alimentada pela tua essencia. E porque d'elas brotou tudo quanto de belo e soberbo existe; porque tua foi a obra que povoou de sêres toda a superficie do globo; porque teu foi o decreto que creou a especie humana como a mais perfeita entre todas, eu te invoco para proclamar a verdade, eu te bemdigo para reclamar a justiça e eu te exalto como emanação suprema de harmonia que tem de servir de exemplo e religião á humanidade.

# FIAT-LUX

CREOU a natureza, entre todos os sêres, uma especie distinta para que crescesse, multiplicasse e reproduzisse, sempre no sentido de maior perfeição e harmonia. E destinou a diferença entre os sexos não para os distanciar, mas antes para estabelecer a lei de atracção. Porque d'essa diferença se gerariam estimulos que garantissem por meio do amor a perpetuação da raça e a aspiração crescente á felicidade comum.

Um dia, porém, o homem renegou o poder que devia guia-lo. Renegando-o abjurou da missão que lhe fôra conferida. Desde esse dia perdeu o talisman da sua redenção.

Por meio da imaginaria lenda do Paraizo justificou a sua desobediencia á translucida e humana lei do amor, da igualdade e da justiça, que lhe decretára a *Alma-Mater* da natureza, e a que não soube submeter-se.

E no seu estado de primitivo embrutecimento, violou os principios da criação. Separou a mulher de si pondo entre ambos um abismo de diferenciação, de iniquidade e de bruteza. N'esse gesto chamou sobre si a maldição. E ela só terá fim quando fim tiver a injustiça que se exprimia n'esse gesto semelhante á instintiva rudeza dos sêres irracionais.

Já Moysés, interceptando a influencia da mulher junto dos Deuses, e fazendo inspirar o temor e a desconfiança pelas suas obras, a que se atribuem os males da humanidade, despertára a desarmonia e a incompreensão no seio da familia humana, a despeito das suas inspiradas doutrinas.

A blasfemia do homem revoltado lança então o grito de alarme aos quatro ventos do céu. Recaíra sobre a humanidade a tempestade da desgraça. E ela só amainará quando a luz se fizer justiça. Quando do seu limbo de desprezo e tortura a mulher, menosprezada através de seculos de obscurantismo, se levantar nimbada da luz se-

rena e divina que irradia dos martires. E, generosa, indulgente e resgatada pela grandeza do perdão, salvará, salvando-se, e nobilitará, nobilitando-se.

Insensato e ignaro quiz o homem elevar-se só n'um falso pedestal de dominio que amesquinhasse aquela que considerou mais fraca. Mas o pedestal, batido pelo vendaval da desgraça, tremeu e irá caindo lentamente na derrocada fatal que sucede a tudo o que em fragil alicerce assenta.

Medrou ao lado d'esse emblema de injustiça a arvore fatidica do Mal. As raizes venenosas do seu tronco alastraram... alastraram, e, estenderam braços daninhos por toda a superficie da terra. E a terra foi invadida de parasitas de odio, rancor e maldade.

Regou-a o sangue dos combates. Exalou-se das suas entranhas um halito de angustia e de opressão. ¿Quem ha de purificá-la e convertê-la em fonte de amor e riqueza? A bondade, a doçura, a razão.

¿Quem ha de cultivar essa produção? A alma da mulher, hoje oprimida, ámanhã resgatada por meio da luz que em jorros lança sobre nós a energia cosmica; pela ternura que a natureza lhe ensina; pela justiça que se revela em toda a beleza terrestre,

desde a vida das plantas ao brilho dos astros, ao perfume das flores, ao cristal das aguas, á pureza do céu, á liberdade das aves, a tudo quanto é grandioso, sublime, a tudo quanto tem por destino viver, amar, produzir e embelezar.

---

Ó sabios que penetraes os segredos da quimica! Ó metafisicos, creadores de filosofias que julgais inovadoras e são sempre e perpetuamente o éco do Evangelho, embora com fórmulas diferentes, que, ao plantarem-se em meios incultos, descambam em scepticismo, impondo ao homem viver em si e por si, sem uma consciencia formada para tal emancipação; ó teologos que defendeis e acatais as doutrinas de Santo Agostinho, atribuindo á mulher culpas de diabolica responsabilidade na legenda do Paraizo, — vêde a obra de destruição que se vos oferece na catastrofe que cobre de pavor e de luto a Europa inteira. E reflecti, e sondai, e compenetrai-vos de que a causa da desarmonia social é a consequencia da desarmonia dos sexos.

A afirmação que vos faz uma voz de mulher, insuficientemente culta, contém em

si a prova irrefutavel da lição dos factos. Se, dentro da familia, que é o reflexo da sociedade, reina o despotismo, a violencia, e a injustiça que reduz a mulher a uma fracção infima de suplicio e de revolta, essa contingencia se repercute em toda a movimentação dos elementos de que depende uma organisação social perfeita e prospera.

Toda essa tragedia de infinita e sinistra desgraça que se desdobra em terrenos alagados de sangue, em mares ensanguentados pela torrente de destroços humanos, em espaços toldados de fumo dos canhões morticidas, em ambientes saturados de miasmas putridos e epidemicos, não é mais do que um castigo que a natureza envia á terra para ensinar a humanidade a ser justa e perfeita pelo amor, pela justiça e pelo culto que deve á sua grandeza.

E a justiça e o amor não podem existir sem que os dous sexos a cultivem em intima união de afectos e ideais. A guerra é obra do homem, a harmonia tem que ser a obra de ambos. A prosperidade dos Povos e o seu alargamento territorial, comprado ao preço desumano de desvaste, de sangue, de desesperos e maldição, nunca poderá equilibrar a riqueza, a independencia e a civilisação que se tem em mira. Que

infinitos e tremendos prejuizos morais e materiais deixarão o seu rastro infernal, durante seculos, na vida dos Povos em guerra! Que ficticia probabilidade de triunfo á custa de horriveis tragedias, que, a pena aponta, mas que nunca poderia exprimir na sua total e terrificante hediondez!...

E invoca o homem os fenomenos da natureza para justificar a sua cegueira, os seus carniceiros combates, as suas sofregas especulações!

Verdade é que a natureza nos manda o raio que fulmina, a onda alterosa que submerge, a lava que requeima, a convulsão scismica que arraza, o furacão que derruba, emfim, d'ela dimana essa combustão de aniquilamento.

¿Mas quem póde precisar os fins a que ela obedece?

¿Não serão esses fenomenos de destruição uma lição que demonstre aos homens que a violencia é elemento negativo e nunca póde ser prosperidade e redenção?

¿Tem por ventura a sciencia dados positivos, irrefutaveis, para afirmar o contrário? ¿Todas as suas pesquizas podem darnos uma concreta base de infaliveis preceitos?

Talvez não, porque a sciencia é afinal

quasi uma hipotese que permanece na infancia. E na penumbra de insondaveis misterios, na treva densa da duvida, predomina uma só verdadeira e firme réstea de aurora que esclarece e ilumina. E' a que provém da bondade. E' esse polvilhamento de ouro e luz que, embora envolto no turbilhão tumultuário dos combates, brilha sempre eternamente, fulgidamente, entre a poeira de odio e sangue que a ferocidade do homem levanta do tropel guerreiro da sua doida alucinação. Só ela representa a verdade n'esse contraste que ergue entre resplendores de beleza heroica, de piedade doce e amoravel, as simbolicas figuras de mulheres semeando a ternura e a bondade no campo da guerra; d'essa guerra maldita que trucida irmãos contra irmãos, disputando ferozmente uns palmos de terra ou uma supremacia comercial; destruindo cidades, arrazando maravilhas de arte, exgotando os tesouros nacionais, despertando os mais brutais instintos disfarçados pelo falso verniz da civilisação.

Mulheres de todo o mundo que sabeis sentir e pensar, provai com o fogo do vosso amor humanitario, com a luz clarividente do vosso espirito, que a guerra é um ludibrio das nações. Convencei os biolo-

gistas, os filosofos, os casuistas, que só as leis do Evangelho, tão antigas e sempre novas, servirão de base para o engrandecimento moral e economico dos Povos. ¿Que importa que de mistura com a verdadeira essencia d'esses mandamentos, novas teorias religiosas sofismassem a sua pureza e deturpassem o seu sentido? ¿Que importa que as correntes do catolicismo mal interpretado, fizessem considerar falsas e anticivilisadoras as regras que encerram o segredo da libertação humana? Através da confusão e do tumulto dos seculos, e da filosofia dos sabios, é dentro do Evangelho que se encerram todos os principios da beleza moral.

Assim como é dentro da alma da mulher que hão-de florescer essas doutrinas de perdão e amor, á semelhança do bôlbo de uma flor delicada e rara desabrochando dentro de uma taça de cristal.

Inspirada por essa doutrina purissima, a mulher converterá e iluminará.

E com a auréola simbolica de oprimida, ensinará a repudiar a injustiça e a tortura como principio de toda a decadencia social, inspirando, amando e perdoando.

A ternura do seu coração, a piedade do

seu olhar de martir apasiguará odios e rancores. E a sua fé, mais forte do que um cristal de rocha, mais ardente que a energia solar, mais comunicativa que a hipnose da natureza, mais convicta que a palavra dos profetas, se erguerá acima de todas as contingencias para voar n'um espaço de purificação aconchegando a humanidade sob a caricia branda das suas azas de amor e indulgencia.

E em comunhão com o seu rival e antagonista de hoje, e de quem fará o justo e nobre companheiro de ámanhã, abaterá todos os falsos dogmas e todas as muralhas de scepticismo; todos os preceitos amassados de ignorancia, de odio e tirania.

Enlaçando na sua mão fragil e forte a mão do seu acusador, ensiná-lo-ha a perdoar á sociedade que lhe atirou a pedra do insulto imerecido, a brutalidade do seu egoismo, o corrosivo da sua maledicencia, o veneno da sua ignorante e afrontosa injustiça.

Liberta de todo o espirito de represalia e intolerancia, irá tecendo assim a doce cadeia do amor que sabe perdoar para redimir, exclamando aos revoltosos revolucionarios de sangue, de odio e dinamite: «Abata-se para sempre a bandeira negra do

terror e do exterminio. E arvore-se conscientemente em seu lugar a bandeira do Amor e da Paz. Risquem-se da Historia os traços sombrios que apontam o heroismo do homem em lutas de irmãos contra irmãos, e o deixam sempre no mesmo terreno de odio, de vingança, de raiva e imperfeição. Apague-se dos tratados filosoficos que enaltecem a vantagem da guerra, a teoria errada que a alimenta. Porque ela não é mais que uma burla, um ludibrio, uma utopia, uma loucura, um desiquilibrio patologico de desvairamento e ambição.

Não é o ideal da Paz que é utopia, mas sim o destroço e a degenerescencia da guerra.

E se ela veio com o relampejar infernal de fuzilaria destruidora, fazer recuar a obra grandiosa e humana do Pacifismo, que ela seja mais que nunca um prenuncio de Paz e um estimulo para os que por ela trabalham e um aviso de razão, um raio que a natureza mandou á terra para lhe mostrar que a violencia derrota, e que a ira dos homens como a dos Deuses da antiguidade, castiga quando em desobediencia e prevaricação, a acção do homem sae da orbita que lhe compete.

Só a Paz fará feliz a humanidade. Só

fomentando-a se elevará o homem ao nivel onde pretendeu subir só caindo no abismo da infelicidade desamparado e abatido por haver reduzido á imobilidade as faculdades da sua companheira destinadas a retemperar os seus impulsos de tirania.

Que Zagreus, o Deus do sangue, seja portanto aniquilado, ressurgindo o carro triunfal de Ceres e Proserpina simbolizando a Paz, a alegria e a abundancia, *no regresso á terra.*

Por isso eu te bemdigo ó natureza omnipotente porque representas a luz, a verdade, o amor que libertará a mulher libertando a humanidade pela harmonia concreta e profunda dos sexos.

# A harmonia dos sexos

Conferencia realisada em Coimbra

*Meus caros Senhores e Senhoras:*

CUMPRE-ME solicitar a benevolencia de V. Ex.as para todos os defeitos de que se ressentem as considerações que aqui venho expôr. Hoje, debilitados como estão os cerebros, poucos mestres realizam trabalhos literarios sem refundição. E eu não sou mestra, mas antes aprendiza. Dispondo ainda de pouco tempo para poder preparar um trabalho regular e sintetico, tomei apenas notas ao correr da pena, tendo, a toda a hora, a grata interrupção de visitas espirituais com que me teem distinguido al-

guns dos mais apreciaveis moços que destacam na flôr da intelectualidade academica.

Em tais casos, notar-se-hão incorrecções de fórma, e falhas de coordenação. Mas o que eu desejo salvar é a ideia. E salva a julgo pela generosidade e alta compreensão da ilustre assistencia.

Confesso-me deveras grata pela fórma como tem sido correspondido o meu desejo espontaneo de contribuir com o contingente de energias de espirito e de entendimento para a obra espiritual e libertadora das consciencias. O interesse e a atenção que manifesta a gentil academia, fazendo-se representar aqui por numerosa assistencia, enternece-me e consola-me.

E afoutada por essa expressiva gentileza, que foi sempre a nota tipica da galharda academia coimbrã, fortalece-me uma luminosa fé nos destinos rehabilitantes das novas gerações.

A mocidade presente deve ser o leme forte, seguro, da fragil Galera que vai singrando por entre as ondas revoltas do pessimismo, em navegar de arrojada aventura, carecendo d'um farol refulgente, assente no pedestal intangivel da fé, tendo como divisa o ideal da solidariedade. Tudo quanto de belo e justo póde existir na alma hu-

mana deve formar o quilate das suas aspirações!

Todas as harmoniosas cambiantes d'uma aurora de radiante e primaveril espiritualidade devem constituir a sua objectividade ideal.

E toda a intensidade do sentimento, todo o calor das paixões altruistas deve germinar nos seus corações, que palpitam na graça plena das seivas fortes, viçosas e fecundas, assim como a radioactividade cosmica recamando a terra de beleza, de alegria e de abundancia.

Através das brumas densas e pesadas d'esta longa e tenebrosa noite de inconsciencia, em que se movem confusamente milhares de existencias torturadas e descrentes, a mocidade é a estrela d'alva que scintila, que deslumbra de esperanças o céu tempestuoso das lutas em que os homens se degladiam. Saudando, pois, a juventude da mais linda e esbelta terra portuguesa, eu desejo que ela marque uma geração de renome, representando os arautos da civilização, sulcando o espaço translucido da beleza espiritual como as aguias soberanas, agitando as azas triunfantes na altura em que é mais puro o ambiente e mais eterea a claridade dos astros.

Na tocante comunhão espiritual que nos reune aqui n'este recinto destinado a uma obra de educação scientifica e moral, dirigido por mentalidades de notavel envergadura intelectual, a quem apresento os meus cordiais respeitos, é minha crença que se efectuará a fusão de ideias, significadoras da anciedade de resgate que agita o coração inquieto da humanidade, inspirado no dever de realizar a obra do progresso. Essa obra depende da libertação dos sexos. E a grande e ardua luta pela verdade carece da confraternisação das duas metades do genero humano. Vindo pôr em contacto o meu sentimento com a vossa razão, eu desejo promover essa aliança, sem a qual não póde existir progresso estavel nem civilização concreta.

Ha dois problemas capitais a resolver para que uma civilização mais harmonica realize uma sociedade menos infeliz: são eles o problema das raças e o problema dos sexos. Deixando aquele a uma *élite* intelectual que a ele se votou, vejâmos este ultimo, que é aquele em que assentam todas as consequencias de infelicidade e descontentamento dos sêres.

¿Hão-de ainda alguns seculos passar sobre tão grave e complexo assunto, asfixiado

dentro da cadeia secular da tradição, cimentando superstições e prejuizos contrários a toda a lei natural?!

¿Quem poderá convencer d'essa verdade o batalhão intransigente dos scepticos e conservadores, provando-lhes em face de demonstrações biologicas, psicologicas e fisiologicas, que esta desordem, esta desorientação, esta terrivel nevrose social, esta epidemia de morbidez decadente depende em grande parte da desigualdade dos sexos?

Jean Finot, o notavel sociologo que tão proficientemente demonstra esta verdade no seu magnifico livro *Le Prejugé et Probleme des Sexes,* diz que, no grito do homem que se lastima da sua existencia, ha tantas lagrimas abafadas de mulher como reacções da sua propria dôr.

Positivamente, a sua felicidade, a de ambos os sexos, a dignidade pessoal e o respeito que devem á missão que a natureza lhes impõe de perpetuar nobremente a especie, de converter a vida em alegria em vez de a reduzir á desgraça, está dependente da libertação da mulher, tendo como fim a rehabilitação de ambos os sexos e como consequência geral a redenção da humanidade.

Essa consequencia tem de partir d'uma concepção nitida da Justiça.

E tudo aquilo a que actualmente se dá o nome de Justiça é uma utopia, emquanto se não firmarem, na verdade, principios tendentes a fazer da mulher uma aliada do homem, uma força reconhecida e valiosa, em vez de uma rival, uma sombra, uma escrava, ou uma falsa rainha de corôa tecida de frivolidade e materialismo, efemeros elementos de consideração e fraternidade.

Analisando profundamente a historia, vêmos que o esforço do homem, através de todos os tempos, converge para a conquista da felicidade. E concluimos que até hoje esse esforço se reduz a passos hesitantes e incertos que o manteem no mesmo terreno de dôr e desalentadoras nostalgias.

Por toda a parte os celebres historiadores, moralistas, inovadores ou misoneistas se enfronham no estudo das causas que predispõem o mal estar do seculo.

E afinal o homem, descontente de si, imperfeito, insaciado e sofrego de atingir a felicidade, vacila, cai, vencido pelo desgosto da vida, envenenado pelo pessimismo que o invade, requeimado de paixões e vicios que o devoram, revoltado contra a sua impotencia na luta do consciente con-

tra o inconsciente, humilhado emfim, perante os misterios do intangivel.

Voltando os olhos para o passado, surpreende o vago, o incerto, o incompleto; as decepções, a tortura, a miseria, a ruina, a desgraça e a maldição.

Busca a luz e alimenta-se da treva; anceia pela felicidade e cultiva a desdita; deseja a paz e precipita a guerra.

E em nome da solidariedade e do amor, prégado ha seculos pelo Vidente da Galiléa, cruxificado pela sua ancia de resgate n'uma cruz, — o symbolo eterno da dôr, — o homem provoca o odio, o choque das paixões, o desmoronamento precipitado da fé antiga, que não póde destruir-se sem que uma luz nova ilumine as consciencias informes.

Julgando construir, provoca o desmembramento da Familia humana, da Patria e das Nações.

¿Porquê? Porque é falsa a sua consciencia.

Porque não póde haver ideais firmes onde ha obsecação, espirito de solidariedade onde ha fanatismos, crenças sinceras e leais onde predomina inconsciencia, interesse, egoismo, vaidade e ambição que são efeito da degenerecencia fisica e moral ligada á causa feminina.

Muitos dos que se arrebatam na defesa d'este ou d'aquele principio, d'esta ou d'aquela seita, iludem-se a si proprios, confundindo-se nos mesmos sistemas de combater o odio com o odio, a injustiça com a injustiça e a violencia com a violencia. E embora a sciencia traga comsigo luzes de civilização, ficamos sempre no mesmo ponto de confusão, de angustia e anciedade.

E' que se foge dos processos que deverão realizar a obra lenta, a obra calma, a obra sincera do progresso, que só tem bases solidas no amor, na bondade pura, na intuição maxima, que sabe cultivar o perfeito dentro do imperfeito.

Só a confraternização dos sexos póde realizar essa obra. Sem que a reflexão d'esse problema preocupe seriamente a consciencia dos homens, o progresso e a civilização serão um mito.

Ha seculos que a falsa situação da mulher é estudada por notaveis sociologos, empenhados em destruir preceitos barbaros que ganharam fundas raizes no espirito das gerações. Afinal, em efemeras intermitencias, com um triunfo de mediocre importancia, prevalecendo as miserias da sua condição, realça o seu martiriologio na historia de todos os tempos.

Quer dentro da famílla, quer dentro da sociedade, a mulher é sem duvida vitima expiatoria do antagonismo convencional.

O seu valor é depreciado, a sua dignidade humilhada. E amesquinhada na sua actividade de cerebro pensante, de creatura de afectos, de sensibilidade e ternura, é quasi sempre incompreendida, desdenhada e reduzida á revolta ou ao retraímento que arrefece e desvia a sua emotividade.

¿Como póde conceber-se a harmonia da sociedade, se a metade que a compõe vive na opressão e no martírio? ¿Como póde aspirar-se á felicidade comum, se o seio da mulher, depositário das vidas futuras, estremece de continuo, ferido por injustiças crueis, ou ofendido por maus tratos fisicos e morais?

Os investigadores do passado provam que nas fases em que a mulher foi considerada e idolatrada pelos seus meritos domesticos ou sociais era mais harmonioso o estado da civilização. N'uma epoca que antecedeu o periodo Greco-Romano, a mulher egipcia usou de privilegios notaveis pela justeza de apreço em que eram reconhecidas as suas faculdades. Esse periodo marca uma renascença de civilização.

Aí a mulher gosou um paraiso cheio de

alegrias e recompensas. Era considerada como um sêr superior, um oraculo de discrição de quem o homem se orgulhava. E ambos, dignificados por um mutuo respeito, embelezavam a vida de amor reciproco, de gratos encantos que os elevavam ás delicias d'uma paz serena e jubilosa. Fruiam em conjunto o delicioso fruto da ternura que eleva os sêres pela compreensão subtil da dignidade de ambos. Mas esse efemero vislumbre de civilização evaporou-se ao contacto brutal de outros povos barbaros e de outros costumes primitivos.

A marcha dos seculos foi apagando de novo esse raio cristalino de redenção. E de seculo em seculo, de povo em povo, de lei em lei, é uma tragedia de escravidão, alternada de passageiras esperanças de resgate.

Nos povos Orientais a mulher é quasi um animal, sobrecarregada de trabalhos penosissimos durante o dia. A' noite, emquanto o homem repousa, ela continua a ser a maquina de produção dos mais grosseiros misteres e alimentada com as sobras do repasto que o marido rejeita, atiradas á sua condição de escrava domestica.

Depois, é repudiada e chicoteada pela sua esterilidade; é emprestada aos amigos

e parentes, como objecto de que se dispõe livremente; é arrastada á função degradante de hectaira, hoje rodeada de explendores e apoteoses e ámanhã desprezada e atirada, cheia de lepra e miseria, para o catre d'um hospital.

A civilização romana traz uma nova reacção em favor da mulher. Uma *élite* de mulheres celebres pelo seu valor moral e intelectual impõe veneração e simpatia ao sexo masculino.

Entre essa *élite*, «Cornélia», a esposa nobre e amantissima, a mãe gloriosa e dedicada, lega á sua Patria cidadãos fortes e justos.

Mas, ao lado d'essa classe privilegiada de mulheres notaveis, gemem, todavia, as suas irmãs de sexo, na subalternidade que lhes cerceia todos os direitos de sêr humano, todas as garantias familiares juridicas e civicas.

Esses preceitos revoltantes são estabelecidos falsamente e julgados consequencia logica das leis divinas e humanas. E assim oscilantes, iniquas e incertas, se vão fixando e sucedendo os rigores d'uma tradição que a verdade repudia como falsa e deshumana.

Vem por fim a cristalina fonte de bondade, que brotou da alma sublime de Je-

sus, adoçar com o seu doce murmurio de ternura o martirio da pobre renegada. As doutrinas do sublime vidente brilham no obscurantismo d'essa epoca como gotas de orvalho caindo sobre vergeis ressequidos.

Na sua alta compreensão da verdade, Jesus procura levantar a mulher até á igualdade justa e humana do seu companheiro.

Ele enobrece as suas virtudes e perdôa as suas culpas.

Vê n'ela a precursora de todos os principios da bondade e do perdão, a predestinada redentora da humanidade.

Mas as suas sentenças repassadas de infinito carinho desabrocham apenas como uma flor de rara beleza despontando entre fraguedos asperos. E essas flores virginais de amor e justiça vergam á passagem brusca de interesseiros sofismas que adulteram o texto do Evangelho.

Se a epoca do Cristianismo levantou a mulher, não a resgatou da sua situação infima.

As algemas seculares que a manteem prisioneira só muito tarde virão a ser despedaçadas e substituidas por normas igualitarias que realizarão a verdadeira conquista do mundo. Entretanto, a mulher que sabe pratica e teoricamente julgar os resultados

de decadencia geral que derivam do seu estado humilhante, fará compreender á sociedade a urgencia de lutar pelo seu resgate.

A sua dignidade integral será salva se, unidas e fortes, doce e prudentemente, fizerem advogar os direitos que lhes assistem, que são os direitos da humanidade, através dos quais lhes é permitido perguntar á sociedade:

¿Em nome de que lei, em nome de que decreto, sancionado pela natureza, somos nós vitimas de erros e injustiças?

¿Porque principios se nos dão tormentos em recompensa da nossa ternura e do nosso carinho?

¿Que mandamento tem o poder de armar de brutalidade e absolutismo o braço que devia ser nosso guia carinhoso e justo?

Sob este sol vivificador, sob este céu explendido, que a natureza destinou para ambos, porque não ha-de ser equitativa a felicidade destinada a realizar a harmonia da vida?

Dir-me-hão alguns conservadores, que observam os factos pelo seu lado superficial, que não é tal verdade essa escravidão porque a mulher faz do homem o que quer.

Em primeiro lugar, não ha regra sem

excepção; em segundo, é preciso ter-se da vida a concepção profunda para se perceber que só póde existir felicidade onde a personalidade se expande livremente em proveito particular e geral.

E como isso não sucede com a mulher, d'aí a soma de contingencias que são um mau efeito alheio ás causas.

E' verdade que uma parte do sexo feminino reduz o homem á situação de escravo, ficando em tais casos ambos vitimas das suas proprias paixões. Porque ele é aí o escravo do materialismo, que o reduz a um sêr humilde, sendo certo que raras vezes encara a beleza plastica pelo seu lado estetico, ou o seduzem os encantos da formosura espiritual. A mulher é a escrava da vaidade que reclama adulação, e ainda escrava do tempo, que lhe destruirá implacavelmente a frescura e a graça, reduzida pelo desespero, pelos anos e pelo vazio do cerebro e do coração, a uma ruina que nada tem de atraente e derruba o falso pedestal em que assenta a sua efemera soberania.

Eu tenho feito uma analise profunda das condições em que se firma a infelicidade conjugal de que resulta a desharmonia relativa. Confirma-se sempre que a mulher só é

apreciada pelo lado material, quando o é, e ofendida pelo lado moral quasi sempre.

Tanto assim que é vulgarissimo vêr criaturas boas, sublimes pelo seu instinto de abnegação, pela sua dedicação maternal, pela sua sujeição ao trabalho, vivendo religiosamente para a familia e, portanto, dignas d'uma recompensa de carinho e respeito, serem maltratadas e preferidas por uma qualquer aventureira, filha da desgraça, só pelo facto de não possuirem dotes fisicos, ou haver-lh'os prejudicado a maternidade.

Nada d'isto sucederia se outro genero de moral existisse.

Se o espirito do homem fosse educado no sentido da elevação espiritual, ele saberia apreciar na mulher os dois generos de beleza que quando juntos, correspondem á dualidade graciosa, filha das Deusas Venus e Urania, simbolizando o encanto fisico e moral.

E d'essa fórma, quando a deficiencia da beleza plastica não acendesse nos sentidos a chama do amor material, ficaria a estima, o respeito, o carinho, ligados pelo fio magnetico do sentimento e da espiritualidade que nunca envelhece.

Jean Finot exprime com admiravel e fluente verdade esse estado de perfeição n'estas encantadoras expressões:

«Quando o outono da vida cobrindo de cinzas as nossas paixões, nos inclina para a terra, pensemos que doçura nos trará a Deusa Urania, resuscitando sob uma outra fórma a nossa primavera desaparecida, que ela embelezará com outras flores. Estas não terão o perfume ardente e perturbador da juventude, mas terão a beleza duravel das flores desabrochadas. Saibâmos apreciar as suas virtudes. E Urania, desdenhada e incomprehendida, não deixará de acompanhar-nos até ao fim da nossa existencia com o seu influxo divino.

«¿ Que novos encantos, que doçuras superiores se reservam ás existencias ainda as mais humildes? Essa deusa Urania, entrevista em nossos sonhos, não é senão a mulher espiritual que, a despeito da idade critica, quando o seu coração se encontra iluminado pela experiencia da vida, tem todos os encantos da divina compreensão.»

Recapitulando as considerações sobre os protestos dos conservadores, eu direi ainda que, para julgarmos a posição da mulher, temos que dividi-la em grupos diversos, e deduzir a soma de elementos que constituem a maioria e portanto a prova.

Ha a mulher mundial, que vive de exte-

rioridadades, que domina pela coqueterie, pela elegancia, pelo luxo e pela frivolidade.

Já provei quanto é instavel e ligeiro esse dominio onde raras vezes entra o cerebro e o coração.

Ha em seguida a mulher semi-mundana, que se reparte entre a familia e a sociedade, essa em muito poucos casos habilitada a exercer superiormente ambas as funcções.

E ha a rara mulher que se divide entre a vida da casa e as obras sociais realizando o typo que se vai aproximando da mulher ideal, capaz de crear o «homo-sciencia e a sociedade-consciencia».

Ha por ultimo em maioria a mulher escrava, vitima do trabalho, do despotismo, da restrição total de todos os direitos.

E' essa o movel domestico que os caprichos do homem, incarnando o preconceito, empurram ao sabor da sua má vontade preconcebida.

E' essa que vive definhada e oprimida, que morre de desgosto, que vae parar ao manicomio, que produz filhos doentes, neurastenicos, que quasi não tem outro horizonte onde dilate as opressões da alma, senão o circulo abafadiço da casa, sem alegrias, sem paz, sem conforto nem distracção.

Essa é que constitue a prova da des-

igualdade de sexos, quer nas classes proletarias, quer nas burguesas ou aristocraticas.

E' tão grande, tão cruel a injustiça de direitos, que essa mulher, requeimada de mortificações, com a paciencia consumida por mil atritos e dificuldades, disposta a perturbações que enfraquecem a vontade e o espirito, tem que ser a forte, a resignada, obrigada a corresponder com ternura e carinho ao aborrecimento e á irascibilidade que o companheiro traz para o lar, reservando as amabilidades para os estranhos.

Cumpre á esposa consolar desalentos e reanimar o lutador que trabalha, quando ele sabe corresponder á sua ternura.

Mas humilhar-se á brutalidade, á expiação imerecida, é ofender a sua dignidade individual e cimentar o desprezo que se tem pelos seus direitos, pela sua função maternal, dignificadora e correspondente ao seu lugar de sacerdotisa da familia.

O homem tem a sua liberdade para se refazer nos clubs, no cavaco e na convivencia dos amigos, das arrelias do trabalho e do tedio da vida.

Mas a mulher, considerada fraca, tem de ser a forte.

Tem de reagir contra todas as inclemencias, apertada no limite vicioso de impres-

sões mortificantes, sujeita a trabalhos materiais rotativos, que não distraem o espirito.

Emfim, é um contraste de iniquidade que todo o homem de alma e de razão modificaria, se se désse ao trabalho de reflectir, e não deixasse embotar o raciocinio e a sensibilidade pela força dos preconceitos.

Perdem-se tesouros de sensibilidade, de inteligencia e de ternura n'essa atmosfera de hostilidade e de revolta que se vai creando no lar e se reflecte na sociedade.

Argumenta-se que a mulher tem defeitos em numero mais avultado do que qualidades. Mas todo esse corolario de considerandos classicos cai pela base desde que se reflexione que a psicologia da mulher e a sua fisiologia, estão deformadas pelo seu genero de vida, sendo por isso tudo quanto ha de mais acidental, mais ficticio e artificioso.

Na origem das sociedades primitivas, o homem, ainda proximo da origem animal, creou egoistamente a lei do forte sobre o fraco.

Arrogou a si o poder arbitrario de dominio.

Legislou a sua propria decadencia, iludindo-se sobre a falsa noção da superiori-

dade, que supoz ser-lhe dada pela natureza, no vigor e desenvolvimento muscular. E, na arrogancia pagã e selvagem de conquistador, fez da mulher a sua primeira conquista.

Da sua ambição de dominio fez um dever de sujeição e de obediencia sem limites, que impoz á sua vitima.

Até que d'essa alegria barbara de regulo, humilhando escravos, resultou uma tradição.

Essa tradição excluiu o respeito pela personalidade moral e fisica da esposa.

E tudo quanto de injusto tem vindo através de seculos convertendo a vida da mulher em suplicio, em fonte de lagrimas, em nascente de miserias e humilhações, se deve ao primeiro gesto brutal e falso do homem mergulhado na cegueira dos primitivos costumes. Muitos dos defeitos da mulher são filhos da dôr, da revolta que se transforma em espirito de vingança á voz da injustiça.

A dissimulação, o ardil, a astucia e outras manifestações que levaram Santo Agostinho a classificá-la de serpente maligna e venenosa, e serve de pretexto aos mais acerrimos detractores, são a consequencia logica de tudo quanto representa a ilegal

escravidão dos seus direitos, da sua autonomia relativa á dignidade individual conferida pelas leis da natureza.

Depois d'isto, como a sua função na sociedade é considerada secundaria, ministra-se-lhe uma educação superficial, de que consequentemente resulta a superficialidade de caracter.

E, como o seu predominio se exerce sobretudo pela corrente sensualista, que pretende d'ela o estimulo para as reacções dos sentidos, de aí a coqueterie, a vaidade, a sofreguidão de luxo e a perdição.

E aí temos na balança dos destinos um fiel de ficção, que põe de um lado uma força convertida em fraquezas e do outro uma fraqueza convertida em forças imperfeitas, dissipadoras e estereis.

Todavia, a historia está cheia de provas que atestam a capacidade intelectual e moral da mulher. Essas provas, porém, são prejudicadas pela feição de antagonismos que por muito tempo prevalecerá na natureza do homem, abstractamente presa á religião do absolutismo.

D'aí, o desdem, a indiferença pela acção da mulher, que brilha como passageiros meteoros sem poder reflectir a sua grandeza na treva compacta do obscurantismo.

A sua obra existe, mas é quasi anonima.

¿Quantas influencias inovadoras e creadoras giram no movimento das sociedades impelidas pela sua inspiração e de que o homem maquinalmente se aproveita, colhendo os louros da gloria, emquanto que para elas se reserva o anonimato, a obscuridade e a indiferença?

No entanto, ¿quantas ideias directoras, quantos traços luminosos, quanta parcela de sentimento douram de reflexões brilhantes a obra de muitos homens elevados á celebridade e de que pertence um quinhão minimo á sua cooperadora? E a gloria, o proveito, são estimulos, são forças, que rehabilitam e sustentam. Duplamente valiosa é por isso a perseverança sem a recompensa.

¿Que poemas de heroicidade revestem de grandeza o esforço de certas mulheres, trabalhando com inteligencia e coração pelo bem de uma sociedade que não reconhece nem avalia o valor da sua obra tão bela de emotiva e edificante abnegação?

¿Quantas injustiças correspondem ás vezes ao seu valioso concurso no progresso das sciencias, nas industrias, nas artes e sobretudo nas obras de sentimento?

Cito para exemplo o facto sucedido

com Sofie Germain, que foi um assombro no campo da matematica e de quem os sabios aproveitaram as descobertas.

E quando os sessenta e dois sabios, que a convite dos construtores da Torre Eiffel inscreveram n'esse soberbo triunfo de engenharia o seu nome, foi excluido o da sua camarada, que tinha contribuido admiravelmente para o sucesso do grandioso monumento.

Ha n'este facto a nota caracteristica de um retraimento, que é despeito, que é emulação, que é antagonismo, filho d'essa terrivel ancestralidade de superstições despoticas que vieram da barbarie oriental, emanando de almas e cerebros em bruto e erigidas em dogma caustico e deshumano, para mal das sociedades.

Hoje, que a luz e a razão se cultivam, esses principios só podem demonstrar a incapacidade dos povos.

A educação da mulher preocupa seriamente a mentalidade das nações adiantadas.

E' assunto tratado profundamente pelos psicologos emeritos.

Para aqueles que enchem a medida da vida, pela razão do seu retrogrado conservantismo e que a vivem dentro do seu mundo mediocre de ideias abstractas e de

rotação maquinal, subordinada a falsas noções, tudo está na melhor das condições.

Mas a sciencia caminha, embora por vezes hesitante.

E prova irrefutavelmente que a situação economica dos povos, o resurgimento das raças, o aperfeiçoamento dos costumes — que é o brazão aristocratico dos povos — e emfim o equilibrio geral dos movimentos politicos e religiosos, depende da harmonia dos sexos, e da emancipação racionalista da mulher e do seu aperfeiçoamento, que deve habilitá-la a ser um duplo valor social e domestico porque póde e deve ser util a ambas as funções.

Habilitada pelos conhecimentos da matematica a saber os segredos da ordem, da divisão do tempo e da metodização reguladora e economica, saberá repartir-se no trabalho de fóra, quando precise de exercê-lo, e na habil e inteligente direcção do *homme* onde poderá acumular o maximo da beleza e da felicidade com o minimo do dispendio de tempo, de dinheiro e de fadiga.

Esse *homme* será um Evangelho de deveres reciprocos e um doce santuario de amor, de recolhimento espiritual que servirá de ninho tepido e brando ás avesitas aconchegadas pelas azas carinhosas dos

progenitores, a quem cumpre dar-lhes exemplos de brandura e tolerancia, em vez de brutalidade e rigor.

Gaston Richard diz no seu livro *La Femme dans L'Histoire* que a civilização observada de perto deve ser a colaboração de ambos os sexos, onde a parte da mulher não é inferior á do homem.

A mulher em estado de felicidade, de vigor e tranquilidade, transmite esses elementos de robustecimento á sua procreação. Emquanto que constrangida, ferida na sua dignidade, rebaixada no seu valor, é um sêr que não póde dar á sociedade senão naturezas imperfeitas.

A insuficiencia de educação impropria para educar, completa esse desastre que tem uma influencia decisiva na nevrose, que é hoje o estado caracteristico das raças contemporaneas. Partem de dois pontos capitalissimos os desequilibrios morbidos que dão organismos histericos, aberrações patologicas, psiques anormais e toda a legião de degenerescencias, cujo resultado é uma humanidade cheia de fraquezas, de paixões e de vicios que jámais permitirão ordem, prosperidade e acerto em todos os movimentos reguladores da vida politica e economica dos Povos. Esses pontos são a

falta de respeito pela mulher, a sua vida quasi sempre atormentada e infeliz e a liberdade que permite ao homem abusar dos seus direitos, enfraquecendo-se no exagero de vicios e abusos, os quaes vão estigmatizando os filhos e contaminando o seu meio ambiente. Conclue-se que os dois sexos vivem muito afastados da harmonia que os completará por meio da justa proporção dos seus direitos. Ambos teem de ser educados em principios novos. Ambos são vitimas de efeitos que de tal fórma se cruzam, quer na sua fisiologia, quer na sua psicologia, que não podem quasi existir qualidades ou manifestações exclusivas d'este ou de aquele sexo. O que fica é o abusivo direito de fazer a mulher responsavel da ilegalidade que protege o homem, ficando assim a parte mais fraca com a maior soma de culpas e a mais forte com a atenuante de todas as concessões.

Muito ha que dizer sobre este assunto que entra nos dominios da biologia, da psicologia, das religiões, da historia e emfim de todos os principios scientificos que constituem o regulamento da vida Universal.

São já em numero muito notavel, os filosofos que consagram as suas energias in-

telectuais ao estudo social através da desigualdade dos sexos. Todos aqueles que se dedicam aos problemas da emancipação humana, devem profundar essa questão.

Assistimos no presente ao desenrolar da mais pavorosa tragedia de sangue que mancha os pergaminhos de uma falsa diplomacia e desmente as pretensões de uma teórica civilização. A condição inferior da mulher está estreitamente ligada a esse fatalissimo acontecimento.

Novicow diz que a legalização dos direitos femininos aumentará as suas responsabilidades e equilibrará a sua razão. Em tais casos, as correntes individualistas conduzirão á robustez moral e portanto ao triunfo da sociedade. Apagar-se-ha então dos codigos tradicionalistas, a legenda que pôz nos labios scepticos de Napoleão esta sentença iniqua: «A mulher é propriedade nossa, nós é que não somos propriedade da mulher. Ela é propriedade do homem como a arvore do jardineiro.»

Este erro de concepção representa o maior e o mais funesto erro das sociedades. E' tempo de o reconhecer, são horas de fazer renascer de um passado de obscurantismo uma ideia nova que faça resurgir a verdadeira mulher do limbo a que a lan-

çou o antigo codigo de leis arbitrarias. E como não ha lei humana que possa suster a marcha do tempo e do espaço, na mesma ordem dos factos irrevogaveis está a rehabilitação da mulher que é uma emanação das leis da natureza. Étienne Lamy diz no seu livro *La femme de demain:* «No dia em que o homem se convencer de que a mulher é necessaria para o grande movimento social, esse dia será o da grande vitoria Universal.»

Assim o compreenderão os novos que aspiram a contribuir para a redenção da humanidade, provando que a mais alta e nobre das inteligencias é a da bondade de que deriva a justiça e fará dos dois sexos uma só força unida e libertadora.

# Conferencia realizada em Coimbra

n'uma festa de solidariedade academica

---

*Ilustres Senhores*
*e*
*Minhas queridas Senhoras:*

A natureza destinou maior soma de intuitiva sensibilidade ao coração da mulher, para que a ideia revestida de sentimento, penetrasse mais subtilmente as consciencias. Eis o motivo que me moveu a aceitar o gentilissimo convite dos amaveis academicos que solicitaram a minha modesta cooperação n'este brilhante festival.

A mocidade, meus senhores, é a vida e a vida deve ser a beleza. A beleza pertence á vida, como a flor pertence á haste viçosa em que desabrochou. E a mocidade,

sendo a vida e devendo ser a beleza, é a flor das sociedades que contém em si toda a assencia das esperanças que nos prometem um futuro melhor.

Perante a juventude, eu sinto uma fervorosa simpatia, misturada ao respeito que um celebre poeta alemão demonstrava, sempre que se encontrava em presença d'uma criança, ante a qual, descobrindo-se respeitosamente, exclamava: «Saudo n'esta criança o homem d'ámanhã, o mestre do futuro.»

Assim, saudando a juventude florescente e prometedora, vejo n'ela o esperançoso porvir, engrandecido pela sua alta e generosa compreensão das leis humanas.

Nada ha mais grato á minha alma de mulher de que render preito a tudo quanto exprime a elevação de sentimento e de espirito.

Nada mais reanimador de que confirmar a efervescencia de humanitarismo que n'esta comunhão espiritual a que assistimos nos deve fortalecer n'um remoçamento de animo, n'um jubilo de intima confiança, n'uma fé radiosa no futuro da humanidade, tão vergada ao peso de infortunios preparados pelas suas proprias mãos.

Ha tantos seculos que o homem em vão

se esforça por conquistar a felicidade e se encontra tão longe de a fruir! Ashaverus da lenda em ancia constante de ambições insatisfeitas, nunca poderá atingir o alvejado fim dos seus anelos sem que saiba fazer da vida o paraiso da beleza, d'essa suprema beleza, que é a bondade, que é o amor, que é a emoção em toda a gama maravilhosa do sentimento, da arte, em todos os cultos transcendentais do Bem e do Belo. Só a bondade, só a beleza, conseguirão resgatar o homem do seu cativeiro de penas. Só quando ele souber realizar a bondade, que é a harmonia do sentimento, a mais homogenea e completa que tende a elevar-nos a um estado de aperfeiçoamento, proximo da sublimidade, se estreitarão os laços reciprocos da aliança colectiva na ordem altruista de um em todos e de todos em um.

Essa fórma de ser tão bela, elevando-se acima de todas as concepções scientificas e superior a todo o diletantismo artistico, é aquela que arranca das almas em flor a divina orquestração do amor e da bondade, traduzida na expressão enternecedora da solidariedade. E' dentro d'essa bondade que está a beleza da vida, a mais perfeita, a mais sublime, partindo da alma para o ideal, e realizando a encorporea e subtil

reacção da espiritualidade conjuntamente humana e estetica.

No seculo em que vivemos, essas admiraveis e redentoras manifestações estão muito longe de ser uma realidade positiva e concreta. Permanecem ainda no dominio do ideal, que vem de longe até nós, trazido pelo eco mavioso do Cristianismo.

Mas, quando o ideal prevalece, quando se sente perpassar no ambiente, como uma onda electrica que precipita os fluidos inspiradores da emoção, esse ambiente purifica-se e evapora as emanações grosseiras do positivismo. E' que as almas, á medida que se libertam do casulo rude do materialismo, entram n'uma fase de sensibilidade que as torna vibrateis e intensas.

Carecem então d'uma fé, necessitam dilatar a sua vibração, para que não as invada a nostalgia dos sentidos, ou as não mate o veneno de pessimismo e de desalento.

E voam para o ideal, que é o alento, a fé dos que vivem sentindo e amando. Esse ideal é o degrau que as elevará á ascensão suprema da perfeição, impondo-lhes o dever de sentir, de sofrer com os que sofrem trabalhando pelo seu resgate.

O espirito d'esse ideal, que é a vibração simultanea da alma e do pensamento, é o

que se sente esvoaçar n'esta sala sob a fórma eterea, sublime, da confraternização humana.

A obra da solidariedade é a afirmação mais poderosa do nosso sentimento, quando bem compreendida e bem realizada. Para ser bem compreendida tem de inspirar-se n'uma noção elevada da moral, fazendo interessar a alma e a ideia, por todas as lutas em favor do sofrimento alheio. Para ser bem realizada, carece de ser um acto expontaneo, nascido do coração, o centro cristalino d'onde deverão irradiar os impulsos do humanitarismo.

Mas sucede que quando a consciencia das sociedades é formada de agentes artificiais, a execução de certos principios faz-se maquinalmente ou superficialmente, movida apenas por correntes convencionais, prejudicando assim o seu verdadeiro efeito moral.

Portanto, a acção da solidariedade, para ser perfeita, deve ser consciente, deve ser irmã gemea do amor, que é a razão da vida, assim como a vida é a razão do amor.

E, partindo d'essa força onipotente que semeia no coração do homem a doce missão das elevadas aspirações, ela realiza o ideal mais nobilitante que deve preocupar o es-

pirito ardente e sonhador da juventude. O jovem idealista é o mineiro que extrai da rocha bruta o filão de ouro, que, mais tarde burilado e limpido, irá enriquecer os tesouros da civilização. E' certo que o idealista é sempre classificado de quimerico, de lunatico, e até de louco. E' sempre uma natureza de *élite*, e por isso mesmo, encontra-se exilado dentro da sua epoca e em desacordo com as maiorias que o cercam. A sua objectiva vai muito longe buscar a essencia dos seus ideais. E o nivel vulgar em que giram os sêres normais não póde abranger os horizontes luminosos que o idealista vislumbra através da sua penetração clarividente. A sua concepção da vida apresenta uma fórma superior. Auscultando-lhe os movimentos, presentindo-lhe as causas, surpreendendo-lhe os fins, confrangendo-se com os meios em acção que infelicitam os sêres, ele procura acelerar a realização de uma sociedade melhor. Mas, a incompreensão do seu ideal provoca a hostilidade, e a nevrose do século encara-a pelo prisma doentio do scepticismo e do pessimismo. Quando, porém, o ideal é puro e nasce de um instinto que tem a força intangivel das leis naturais, firma-se no alicerce de uma fé inquebrantavel. E o

caminheiro da beleza avança sempre, consciente de que trabalha hoje para que só ámanhã possa ser compreendido, e reflectindo que o doutrinario que ha seculos pensasse em libertar escravos, seria condenado como um louco. Hoje a escravidão é considerada como uma vergonha das sociedades. E' que não ha realidade que não tenha sido um ideal, nem ideal que não prometa uma realidade efectuada mais tarde ou mais cedo. Ha factos que parecem desmentir esta asserção, se os examinarmos por seu efeito imediato e circunscrito. E' assim que o ideal da Solidariedade e do Pacifismo nos. parece na cruel actualidade um irrisorio e sarcastico paradoxo: Uma exfinge renegando o esforço dos idealistas. Em vez de paz e fraternidade, levanta-se diante de nós o monstro terrivel da guerra, que ameaça devorar-nos.

Mas, se o nosso espirito vai procurar aos fenomenos da natureza a explicação d'este facto, ela parece demonstrar-nos que os seus movimentos actuais, que, quem sabe se tendentes a uma transformação futura, indicam que as grandes reacções são o preço das grandes dores. E, para não sucumbir de desalento, devemos armar-nos da esperança de que após esta guerra virá

um clarão de paz. Sinistro clarão, é certo, porque em vez de brotar das fontes cristalinas da bondade e do amor, que repudiam a ambição e egoismo dos homens, fusila na boca sangrenta das metralhadoras, cai das azas lugubres dos aviadores, que deviam simbolizar a ascensão genial do homem ao espaço infinito do belo e do desconhecido. Mas, fechemos os nossos olhos espavoridos de angustia e desolação ao espectaculo tragico, terrificante que ensopa em sangue e lagrimas a terra bemdita onde devia frutificar o amor e a paz.

Dizem alguns pensadores que o progresso, para ser estavel, não póde seguir em linha recta, que tem de oscilar em movimentos de recuo para fazer avançar definitivamente a civilização; seja esta a consolação de todos os pacifistas compungidos pelas lutas de odio e ambição que fazem espirrar jorros de sangue n'um fluxo e refluxo de dores fisicas e morais, verdadeiramente deshumano. ¿E porque se dá este facto? Porque o ideal da solidariedade é pouco exercitado, quando deveria ser uma norma radicalissima do espirito humano. E porque, para se obter o fruto dos sãos principios, recorre-se a meios que são contrarios aos fins. Os filosofos, resolvendo

os misterios da natureza, lançam ideias inovadoras sobre o espirito rebelde e inculto das multidões. Mas esquecem-se de que estão de permeio contingencias contraditorias que o inovador, perdido no labirinto das metafisicas, não conseguiu abranger. Caida na realidade, a ideia sossobra: e o triunfo d'uma causa que se supunha de redenção, recai em desordem, em ludibrio, em consequencia negativa e fatal. Toda a civilização será um mito emquanto se não seguir á risca o preceito ideal prégado ha seculos pelo intangivel e mavioso poeta da Galileia.

¡Amai-vos uns aos outros como a vós mesmos!...

Fóra d'este lema é fatal a luta fratricida das sociedades. ¿Como impedi-la? Compenetrando-nos do dever de amar e perdoar, para aproximar e converter. Considerando que ha factos e não ha culpas, que ha condições e não ha defeitos. Procurando penetrarmo-nos e defendermo-nos de nós proprios, vitimas do nascimento, do acaso e do meio. Fugindo á tentação do mal, para semear o bem. Abstraindo da nossa vida toda a influencia que degrada, e creando uma atmosfera pura pelo trabalho, o exercicio do bem e o gosto pela arte. Só

assim desenvolveremos em nós o sentimento profundo, tranquilo e duravel que nos dará a felicidade. Se cada um de nós aprendesse a reformar-se a si proprio, cumpriria o dever sagrado de não prepetuar a sua imperfeição nas gerações sucessivas, comprometendo os destinos da colectivade. A lei do bem fixar-se-ia um culto maximo que abrange o culto da bondade, da beleza e da saude, realizando a harmonia d'um conjunto superior coroado pela divisa da solidariedade.

. . . . . .

. . . . . .

*Minhas Senhoras:*—Diz-vos o meu coração que a obra da solidariedade ha-de florir no vosso regaço de mães quando a perfeita harmonia dos sexos realizar a harmonia completa das sociedades. Quando do turpôr secular, que traz adormecidas as consciencias, acordar a voz sonora e previdente da razão, a mulher realizará a obra divina do amor, conquistando o lugar distinto que deverá ocupar no banquete festivo do progresso. Hoje, considerada como valor infimo, apreciada erradamente, por-

que a sua actual psicologia acidental e ficticia é o efeito das falsas condições em que tem vivido, e não a revelação fiel do seu sêr, impossivel lhe é pois exercer a sua alta missão de educadora eleita pela subtileza do instinto e pela delicadeza da emoção.

No velho edificio da demagogia antiga não entraram em vigor as leis de libertação moral da mulher. Na democracia moderna, a justiça e o interesse por as suas reivindicações é pouco reconhecido e protegido, a não ser quando dá interesse. E para que a mulher possa ser dentro do lar e na sociedade uma força valiosa e produtiva, partilhando os frutos que semeou, é preciso que seja respeitada, considerada pelas suas especiais faculdades, recebendo em troca da sua ternura, da sua afectividade intensa, do seu heroismo, da sua subtileza d'entendimento, o premio que lhe pertence como estimulo, para se tornar cada vez mais perfeita. Só então, na compreensão exacta de direitos e deveres reciprocos, a mãe de ámanhã póde seguir o exemplo de Cornelia, a celebre romana que educou seus filhos nos preceitos d'uma educação moral deveras aperfeiçoadora, exortando-os a lutar pelo bem, sempre com doçura e generosidade, com valor e heroismo. E na época da civi-

lização romana em que realçaram tantas mulheres magnanimas esta mantinha-se harmonica e florescente, porque os prejuizos da inferioridade feminina eram modificados pela unidade de direitos, por um amor tocante e respeitoso que os romanos d'então consagravam á mulher, porque sabiam que sem existir a mulher superior e respeitada não podem existir homens de valor. Sem largos horizontes não póde haver beleza de perspectiva. Para entrarmos na verdadeira e concreta base da civilização, muita luz temos de acender e alimentar, muita semente pura tem de lançar a mãe previdente no coração dos pequeninos. A religião da solidariedade ocupa o lugar primordial. Mas é preciso fazê-la germinar aos primeiros rebates do entendimento, abafando a tendencia egoista da criança e esmagando os assaltos da vaidade, que é mais tarde um grave prejuizo. Desde tenra idade que os pequeninos devem saber que ao lado do seu conforto, treme de miseria e de fome uma pobre criancinha sua irmã, que vive sem guarida e sem lar e que ele tem obrigação de proteger, não como virtude que aspira á recompensa, mas como um dever moral que a consciencia nos impõe. Mais tarde, o adolescente estenderá espontaneamente o

seu fraternal carinho ao mancebo que na agua furtada, de luz baça e sombria, se definha e esmorece de desespero por não poder dar azas ao genio com que a natureza o predestinou para o converter em valor social. Crescendo com as inergias vitais do infante o verdadeiro espirito da fraternidade, se desdobrarão continuamente as suas niveas azas pelo espaço tão largo das amarguras anonimas, esvoaçando em reverberos de esperança ao lado da dôr e da desgraça.

Assim o deve compreender a mocidade de ambos os sexos que resplandece em graça e vigor n'este ambiente superior de bem fazer. No desejo de contribuir para a educação perfeita das novas gerações, os seus espiritos privilegiados cultivarão a gloria vitoriosa da sua felicidade e da felicidade colectiva.

# Segunda conferencia

realizada no Instituto de Coimbra

---

*Meus caros Senhores*
*e*
*Minhas Senhoras:*

QUANDO o nosso organismo sofre de qualquer perturbação de caracter interno ou externo, regularmente recorremos ao tratamento, do qual resultaria o alivio para os nossos males. Esse tratamento, quer seja cirurgico, terapeutico, electrico ou hidroterapico, poucas vezes é agradavel. Quasi sempre é doloroso, maçador e até agrava a doença para a reacção da cura.

Temos de armar-nos de muita paciencia, de muita coragem e muita resignação para conseguir melhoras.

Ora ha um organismo que carece de muitos e diversos tratamentos para reparar efeitos deveras graves e gerais. E' o organismo social, de que nós somos as celulas impulsoras imprimindo aos seus movimentos naturais maior ou menor soma de regularidade e acerto. Deveriamos, pelo nosso esforço derivado de uma alta e nobre compreensão da vida, constituir forças sadias e perfeitas. Mas não sucede assim. Em vez de celulas fortes, representamos celulas fracas e degeneradas. Precisamos de tratamento. E para o obter temos de sujeitar-nos, sob qualquer fórma, ao remedio indicado.

São precisos bons medicos e excelentes enfermeiras. Eu não pretendo ser medica das grandes doenças sociais, mas desejo ser enfermeira, porque tenho o curso pratico da experiencia apontando e fixando na minha vida, e em traços muito dolorosos, as contingencias que me teem servido para largas cogitações, e que aproveito para texto dos argumentos que venho expor á simpatica Academia.

Além do interesse que me merece a rehabilitação da nossa raça e a reconstrução social, que tem por base o equilibrio fisico e moral, a organização harmonica da fami-

lia e a contribuição individual como elemento da felicidade colectiva, sou mãe e em tais casos, amo no meu filho os filhos de todas as mães, preocupando-me a sua felicidade. Assim possam as razões maternas e preventivas que me empenho em apresentar aos meus jovens ouvintes servir de aviso á inexperiencia da sua mocidade impulsiva.

Bem sei que é maçador, fastidioso para animos inquietos, sofrear a sua impaciencia durante o espaço da minha prelecção baseada em assuntos graves e pouco atraentes para espiritos moços. Mas façam os meus caros senhores de conta que se sujeitam a uma vacina pouco agradavel que póde porém livra-los de um mal causado pela sua inexperiencia. E se conseguirem assim compenetrar-se do bem que na sua vida futura poderá desdobrar *este mal de aborrecimento* que lhes proporciono, confio que me ouvirão carinhosamente. Apesar de que eu vou já começar por um argumento muito impertinente para animos impregnados de jovialismo e envoltos no véu de Maia que simboliza a ilusão. Pois se eu vou dizer-lhes que a mocidade é um prolongamento da inconsciencia infantil!... ¿E não será verdade que assim é no ponto

que respeita á conservação da saude e das energias vitais? Antes não fosse, para proveito dos prejudicados. Mas se a juventude é como a borboleta, a flor irizada e volatil dos espaços, de vida efemera, caprichosa, fugitiva, que nasce a voar, vive a voar e morre a voar, condensando no breve espaço de alguns dias a sua existencia e a sua felicidade...

Ora a mocidade, sentindo-se forte, viva, impulsiva, esquece-se de que tem de fazer reserva de forças para suportar as ofensas da idade e equilibrar o consumo de actividade que a luta da vida reclama.

E se póde ser muito agradavel a meio do caminho da vida, dizer: «¡O que eu gozei em rapaz!», não será menos humano e nobre poder afirmar: «¡Que encantadora e placida vida eu preparei, que serena velhice dispuz pela regularidade fisica e moral dos meus primeiros tempos!...»

Quantas vezes nós exclamamos: «Ah! que se eu soubesse!» Mas já é tarde de mais para voltar atrás. E o mal da nossa inexperiencia repercutir-se-ha fatalmente em toda a nossa vida. ¡E tantas vidas perecem na phase da juventude!

¡Como de vezes ela é o limite de existencias consumidas na voragem de paixões

loucas! E quantas, essas paixões, convertem a vida n'um fardo pesado, n'um germen decadente, reprodutor de gerações imperfeitas!

Partindo d'esse principio, e embora o facto não seja geral, convem fixar a atenção dos novos nas causas determinantes d'esse erro. Ele é de tal maneira grave, tão grande a nossa responsabilidade não procurando evital-o, que quasi chega a ser um crime social com a agravante de uma fatal deshumanidade.

E' incontestavel que n'este modelar instituto de ensino superior, dirigido e orientado por altas capacidades morais e intelectuais, a mocidade, exuberante de inteligencia e de aspirações, vem encontrar altos recursos scientificos nos diversos ramos da actividade medica, juridica e politica, com acesso a muitas outras carreiras e posições de notavel alcance.

Mas contraditoria será a provisão de todos esses recursos, se outros elementos de força correspondente não acompanharem o desenvolvimento superior do intelecto. ¿De que servirá, por exemplo, ao medico estudar fervorosamente os segredos da medicina para curar a humanidade, e para preparar a sua prosperidade economi-

ca, se fôr empolgado pelas estroinices excessivas, por irregularidades desordenadas que o converterão em celula depauperada do organismo social, em agitador de males, e n'um doente que jámais póde sentir o bom humor dentro da vida e ser um agente de felicidade? Ha portanto um curso a preencher que se liga com a sciencia da vida. Mas embora mal reconhecida, e julgada secundaria, a lacuna que venho apontar, ela existe e demonstra-se á evidencia nas seriissimas perturbações que põem em conflito permanente os interesses do individuo, da familia e da sociedade. Essa lacuna abrange dous pontos essenciais que se ligam a muitas outras de ordem consecutiva. Um compreende a educação dos instintos em todos os seus detalhes de manifestações morbidas e degradantes. O outro marca o aperfeiçoamento das almas por meio da emoção, da elevação de aspirações, do contacto com ideias puras, de prazeres esteticos e manifestações delicadas.

Porque, afinal, o jovem estudante que vem adquirir elementos para a vida economica e social, tem que aprender primeiro que tudo a ser um bom chefe de familia, um procreador de naturezas equilibradas e robustas, um agente da alegria, da paz e

do conforto domestico, para poder realizar no seu conjunto perfeito, um cidadão exemplar e um elemento de progressiva, de fecunda felicidade parcial e geral.

Um caracter que se fórma, e uma inteligencia que se instrue, só poderão constituir a educação completa de um sêr, incluindo o aperfeiçoamento dos instintos e o requinte subtil do sentimento, e portanto, os habitos correctos da vida intima que são a garantia de uma harmonia domestica e social duradoura.

Não póde certamente no estreito espaço de uma conferencia, tratar-se detalhadamente da ponderalissima questão da educação moral. O punhado das minhas considerações só póde tocar resumidamente os pontos essenciais. Mas o meu intuito é agitar as atenções sobre um problema de capital importancia, ajudando, por assim dizer, a despertar as consciencias que mergulham em letargo profundo de indiferença e de incredulidade por coisas de tamanha gravidade. Já Seneca dizia que o peor inimigo do homem está dentro do seu proprio coração. Efectivamente assim é.

Zombando de principios que libertam o *eu* imperfeito e que o encaminham para a conquista de um sêr renovado e melhor,

não percebem certos espiritos scepticos que é contra si proprios que blasfemam. E vão cavando cada vez mais fundo o sulco onde sepultarão a alegria da vida, que só a saude do corpo e do espirito póde conservar. Ora eu farei por dar o meu contingente de vontade e de obstinado interesse para que uma obra de reacção vivificante se opere no sentido de desenvolver uma fertil educação moral de instintos e de sentimentos, em todos os institutos de ensino superior e secundario. Principiarei por referir-me a um preconceito que repele a intervenção feminina em questões que se reputam *escabrosas*. Ora se a vida é uma evolução constante, as fórmulas e os preconceitos teem de ceder o seu lugar a principios mais logicos, mais naturais e humanos. Necessariamente é forçoso alimentar luzes de pura razão e de clara verdade para que se reforme o espirito das leis e a materia falsa das convenções.

Os arrojados empreendedores d'essa obra são sempre sacrificados pela tenacidade conservantista acanhada entre os velhos muros da tradição. Mas quem se lança a arrotear terreno bravio, já sabe que encontra resistencia e que tem de vencer muitas dificuldades. Assim me sucederá a

mim, frisando a falsa noção que se tem do pudor a ponto de parecer imprudente ir procurar na verdade o remedio para certas chagas de desmoralização. ¿Ora qual deve ser a significação do pudor?

¿Não é o zelo por tudo quanto tende a conservar intacta e perfeita a dignidade propria e a pureza de costumes? Acontece que o estudo profundo da natureza tem revelado leis de verdade que modificam a observancia de regras preconcebidas em erro. Portanto, a concepção do pudor deve ter um sentido tanto mais elevado quanto mais se procure rehabilitar os sêres de um abismo de degradação, embora haja de recorrer-se a meios dificeis para conseguir um fim de perfectibilidade. Alimentar mentiras que são por vezes muito mais impudicas e desmoralizadoras do que a verdade, a qual bem compreendida póde prevenir a perdição de uma criança ou d'um adolescente que se degrada pelas aberrações a que dispõe a sua natureza tarada e morbida, é sustentar uma falsa *pruderie* mil vezes mais funesta e nociva. Ha por exemplo mil cuidados em ocultar a uma criança os misterios da criação. Mas põe-se-lhe ao alcance da curiosidade, cada vez mais precoce, maus exemplos, reticencias, livros, jornais, revis-

tas impropriamente ilustradas. A criança, na sua compreensão informe, vai arquitectando um mundo de pequenas maldades e hipocrisias. Surpreende revelações que adapta ás suas infelizes tendencias morbidas. E melhor fôra esclarecê-la com tacto e subtileza, que não excluem a castidade. Entremostrar-lhe, através de imagens e de exemplos que a natureza oferece na continuidade dos sêres vegetais, a razão de ser da vida, da sua origem e dos seus movimentos creadores.

Dentro d'esta bela lição de moral é que deveriamos ensinar-lhes as regras do dever, os principios da honestidade, evitando que as crianças possam caír incautamente nas armadilhas de instintos de ancestralidade fatal.

Nas erradas noções éticas da civilização ha responsabilidades enormes. Uma criança em tais condições vem para a vida escolar onde encontra mil agentes que predispõem para perigos terriveis. O meio ambiente é um veneno. E vêem-se então nos internatos e nas escolas, rostos depauperados, organismos precocemente envelhecidos, estruturas franzinas, musculos debeis, côres macilentas, todo o corolario de doenças, de aleijões e deformidades que decaem n'um enorme pre-

juizo social. ¿O que serão as gerações de ámanhã, se não se olhar atentamente para esta questão maxima?

A educação é uma segunda natureza. E se a criança fôr convenientemente dirigida n'este capitulo de suma importancia na sua vida, facil será ao adolescente e mais tarde ao mancebo evitar que o estrangulem as garras de tentações morbidas.

A sociedade com todo o seu calendario absurdo de inconsciencias, concede aos sêres masculinos dar largas a todos os caprichos que o lancem na extrema degradação. Essa concessão é um estimulo que encadeia a maioria das desgraças sociais. Ao contrario ridiculariza-se a mocidade quando mantem os seus costumes em principios de relativa e sensata moderação. Quanto mais exagerada fôr a vertigem dos vicios, mais honroso é o diploma de forte e vitorioso.

¡Mas que fatal e deprimente vitoria que se voltará mais tarde contra o vencedor, como castigo implacavel dos seus desvarios!

¡Quantos crimes inconscientes praticam aqueles que se deixam vencer por elas!

¡E que horror de atmosfera social respira o adolescente e o mancebo já nativamente propenso á corrupção! O teatro, o

livro, o romance, as companhias, tudo emfim são aperitivos de desmoralização. E regularmente fóra das suas familias, sem uma tutela que os guie, caem no abismo da libertinagem.

Eis porque a educação dos instintos devia fazer parte de todos os programas escolares por meio de prelecções e compendios.

¿Não será esse ponto a base essencial em que deve fixar-se a vida das novas gerações?

Bem sei que a mocidade desdenha d'esse facto, convencida de que cumpre leis da natureza, dando redeas ás suas paixões ou preferindo encurtar alucinadoramente a vida á custa de emoções cuja necessidade recrudesce á medida que se abusa d'elas, como o gastronomo e o alcoolico creando o prurido de apetites exacerbados pelo abuso de vinhos e iguarias. Essa ficção é tudo quanto ha de mais negativo. A natureza em toda a grandeza generica da sua função creadora, dá-nos o amor como lei suprema da vida.

Mas o amor não é a corrente impura da degradação que requeima e devasta as melhores seivas do corpo e do espirito; que cria a inutilidade pessoal; que absorve for-

ças vitais destinadas a reverter em pura energia social. Não é um delirio perigoso em que se lança doidamente a mocidade; não é essa exasperação constante da sensibilidade alarmada, não é o vampiro traiçoeiro que suga a vida d'aqueles que lança na morte; não é a taça dos prazeres excessivos que contém em si toda a gama dos venenos que embriagam para matar; não é, emfim, a vagabundagem que se perverte em antros infernies de onde sai o crime, a deshonra, a perdição de gerações inteiras. Do amor ao vicio não ha conformidade.

Um é redenção, outro é perdição. Um levanta o espirito do homem ás culminancias da beleza moral quando compreendido no seu alto significado de vida, de alegria, de emoção, perpetuando e aperfeiçoando a especie. E outro corrompe, esteriliza e mata.

¡Quantos genios devorados pelas fauces da paixão morbida! Quantos resplendores de ideias e de pensamentos belos apagados pelo seu halito impuro! Que tesouros de bondade perdidos nos antros da desmoralização e que podiam acelerar a marcha da civilização! Emfim, quantas creações sublimes apagadas na onda tôrva da perversão!

O desenfreamento dos instintos é um ladrão traiçoeiro da felicidade individual e colectiva. A cerebralidade do homem desmoralizado é fraca e desequilibrada. O contacto com meios grosseiros perverte-lhe o caracter. E as mais delicadas inclinações expiram ás mãos da desmoralização. De fórma que o mancebo podendo ser util, forte e belo, prolongando pela vida fóra essa disposição por meio de uma racional e sabia economia de energia vitalizadora, reduz-se á condição vegetativa de fraco, nevrostenico, decadente, incapaz de sentir as alegrias que uma vida superior reserva, e menos capaz ainda de vir a ser um bom chefe de familia, justo, sereno e equilibrado, ou um membro da sociedade apto para exercer n'ela uma função de valor progressivo e consciente.

A's vezes, uma hora de falsas alegrias, é amargamente comprada a peso de doenças que o atormentarão a vida inteira. Claro que é impossivel transpôr de um salto o caminho dos novos principios. Ha milhões de contingencias na natureza dos factos que a civilização irá transformando. No entanto existe um meio muito forte para ir atenuando os peores efeitos: E' desviar a mocidade para um terreno onde possa cultivar

uma ordem de emoções que a furtem a tentações prejudiciais.

Proporcionar-lhe alegrias sãs que retemperem a alma e o corpo e a compenetrem do dever de ser util e agradavel á humanidade, o que constitue um privilegio inestimavel de consolações superiores. Cicero dizia que a gloria e a virtude eram o fim da vida. A realidade positiva da vida provém realmente da luta do Bem contra o Mal.

E na luta pelo Bem venceremos em nós as tendencias do mal.

A vida dos que nascem n'esta fase inquietante da nevrose contemporanea, tem que ser um permanente combate contra si mesmos. Do contrario vence-os a vertigem do mal. E lá vem o castigo de consequencias funestas quebrar todos os fios que deveriam tecer a amarra solida da felicidade.

Dizia Socrates que o homem mais virtuoso é aquele que cuida em se aperfeiçoar e o mais feliz aquele que sente que realmente se aperfeiçoa.

D'esta douta verdade deve a juventude extrair a divisa do seu aperfeiçoamento, para crear uma renascença vitalizadora que reforce em borbotões de vida o depauperamento da raça e a debilidade de caracteres.

¡E ha tantos elementos bons que podem aperfeiçoar-nos se soubermos exploral-os!... Desde que tentemos dispôr da reflexão e do senso suficiente que nos indique o meio de os aproveitar, de nos colocarmos sob o efeito das boas sugestões, é certo o triunfo exercido sobre a vontade, embora o esforço para vencer tenha de ser uma luta contra o instinto, os estados morbidos, ancestraes, ou adquiridos. As duas causas destruidoras que mais acentuam na sociedade os seus efeitos depressivos, são o alcoolismo e a praga da Venus Onivaga. O alcoolismo é o crime engarrafado, é a loucura em perspectiva, é o embrutecimento e a desmoralização do homem. Shakespeare condenou a embriaguez em versos admiraveis, n'um dos quais dizia que o alcool nos transforma em animais.

O alcoolismo é de tal fórma um verme roedor das sociedades, que em todos os paizes adiantados se movem campanhas admiraveis para o combater. Emfim, o delirio do alcool e o abuso dos instintos morbidos são as duas gangrenas sociais que dão origem ás desgraças de que a humanidade é vitima por culpa propria.

Ha uma balada scandinava que diz: «A vitoria sobre nós mesmos é a mais bela e

gloriosa de todas». Que todos os jovens academicos possam assimila-la. Que ela lhes sirva de mote nas veladas noturnas quando as suas vozes quentes e sonoras encham o espaço de maviosas harmonias sob a benção cristalina do luar que se espelha no Mondego poetico das lendas, o confidente dos amores juvenis, deslizando como uma preciosa gargantilha de cristal entre as floridas margens que o embelezam.

E que firmados n'esse emblema de virtude, saibam entrar no mundo das coisas belas e desviar-se cautelosa e prudentemente das correntes desmoralizadoras creando o gosto dos interesses superiores. A natureza abre-lhes diante dos olhos um livro sempre novo onde acharão maravilhas de perspectivas que lhes darão sensações variadas, encantadoras. Nas artes encontrarão uma profusão deliciosa de impressões ricas de beleza, gratas ao espirito e suaves aos sentidos. Na sciencia, na cultura da inteligencia, colherão aspectos infinitamente agradaveis, sabendo adquirir o gosto por esse maravilhoso factor de alegrias que é o saber e o pensar. E sondando a historia do passado que nos mostra os caminhos percorridos, aprenderão a ter firmeza no ideal e a avançar para um futuro melhorado pelo

nosso esforço, impelidos sempre para a frente, inspirados na divisa que nos impõe exercermos o culto da humanidade, dentro do culto do altruismo, da filantropia, das obras de solidariedade que tem por simbolo a Luz, a Justica e o Progresso.

E tendo o amor por principio da vida, a razão, a justiça e a ordem por base, o progresso por fim; adquirindo a lucidez de espirito no saber, adoçando o coração nos elevados sentimentos, equilibrando o entendimento por normas superiores e elevadas, e robustecendo o corpo por uma vida regular, exercicios desportivos bem metodizados e tonicos, a juventude construirá o alicerce da vida onde irá edificando o pedestal harmonioso e ridente da sua felicidade realizada na paz fecunda e na alegria confortavel do lar e no progresso humano e rehabilitante das sociedades em crise de fatalissima anarquia e devaste guerrilheiro.

# A PSEUDO-INFERIORIDADE DA MULHER

A *Fraternidade,* jornal semanal de Lamego, publica um artigo intitulado «A Mulher». A sua leitura em vez de me causar revolta ou indignação, acordou-me sómente o sentimento de piedade que deve dispensar-se a tudo quanto traduz inconsciencia e escassez de entendimento.

Quasi não valeria a pena replica-lo, visto serem de efeito inofensivo todos os argumentos que obedecem a ideias subjectivas mal exteriorizadas por espiritos de pouco alcance.

Mas como esse facto corresponde ao atraso mental da nossa sociedade, e á preponderancia de principios anti-civilizadores, é sempre util agitar certas considerações

que são indispensaveis á humanidade inculta e hostil ao progresso.

Antes de mais nada aconselhamos ao intransigente articulista da *Fraternidade*—que assim desmente a expressão do mais belo ideal humano — a ler *Le Femme* de Michelet, e outras identicas obras de fisiologia e psicologia feminina.

Realmente deve ter sido bem infeliz nas suas ligações com o sexo feminino para avaliar a generalidade por algum d'esses exemplares de hipocrisia, de estupidez e crueza, que o destino lhe deparou.

Frisarei alguns pontos do libelo acusatorio que o nosso *azedo* detractor desenrola inesteticamente á publicidade.

Primeiro, acusa a mulher de espirito mesquinho; segundo, capa de maldade; terceiro, de ser inferior ao homem e destinada só á fecundação; e por ultimo, de iludir a *ternura e a meiguice* do homem, com a arte astuciosa da hipocrisia requintada.

Não é possivel, por maior que seja o poder sintetico, justificar n'um pequeno artigo as causas de onde derivam essas opiniões. Todavia, apontaremos algumas ao nosso *bilioso* adversario.

A superioridade do homem sobre a mu-

lher não é um facto de ordem fisiologica ou psiquica, mas unicamente um caso convencional provindo de causas pre-historicas e primitivas.

Para vergonha do homem, até na ordem zoologica existe mais *senso* igualitario do que nas castas aperfeiçoadas.

Os macacos antropomorfos conservam ainda igualdade dos sexos, e só quando da transformação de antropoliteco para o homem, é que se estabeleceu a desigualdade psiquica dos sexos.

N'esse estado a mulher dispunha das mesmas faculdades e do mesmo vigor que o homem, ajudando-o nas lutas contra os rivais humanos ou irracionais.

Mas a divisão de misteres foi pouco a pouco creando nova fisiologia na natureza feminina.

Com o rodar dos tempos a condição fisica e mental da mulher foi-se distanciando da sua verdadeira fórma de ser e acentuando uma feição diversa da estrutura masculina.

Emquanto o homem exercitava os musculos na guerra e nos exercicios fisicos, a mulher definhava-se na reclusão caseira.

E se o espirito do homem se exercitava em problemas serios e a sua razão se de-

senvolvia entregue ás questões graves, a mentalidade da mulher depreciava-se no circulo acanhado de um ambiente restrito. Em tais circunstancias, se plantaram certos preconceitos que assentam n'esta anomalia: condenar um facto que foi obra do proprio homem. Foi ele quem por suas proprias mãos deformou a estrutura moral e fisica da sua companheira. E é ele quem a condena d'essa consequencia de que é o autor.

Todavia é um facto de ordem positiva que ha homens fracos e fortes, assim como ha mulheres vigorosas ou debeis. Ha homens estupidos ou inteligentes, como ha mulheres imbecis ou talentosas. O que por isso é necessario, é estabelecer direitos, garantias e independencia de acção, relativos a cada individualidade.

Depois o sr. Herberto Chastres não desconhece decerto as influencias da hereditariedade. Se as conhece saberá que, muitas mulheres vinculadas com qualidades paternais, podem dispôr das mesmas faculdades de talento, de criterio e de sensatez que o seu progenitor. Assim como muitos homens podem ser tarados com todos os defeitos e todas a fraquezas fisicas e morais da sua mãe, e vice-versa.

Já vê portanto que o unico remedio para

evitar que estes elementos deploraveis aumentem o mal social de que todos estamos sendo vitimas, e que produz essas *viboras, esse mulheril* incapaz de colaborar na obra da redenção social oferecendo-lhe tesouros de sentimento e altruismo, é abençoar todo o esforço que possa derivar de inteligencias lucidas e esclarecidas sem distinção de sexo.

Arrazar preconceitos que produzam consciencias disformes; difundir principios que derramem a luz e criem a felicidade mutua dos dois sexos, é tudo quanto póde hoje merecer a verdadeira classificação de civismo humanitario.

Esse milagre de redenção ha de germinar dentro da Escola que educará as novas gerações. N'elas se ensinarão os dois sexos a amar e a respeitar reciprocamente os seus direitos; n'elas se inspirará ao homem de futuro a convicção de que só na aliança intima das suas faculdades e dos atributos da mulher, se conseguirá reformar uma sociedade saturada de vicios e de injustiças.

Deixarão então de existir esses *monstros* de frivolidade e hipocrisia e os autores de artigos vilipendiosos como o que a pena injusta do retrogrado cronista traçou so-

bre as colunas do pseudo-defensor da fraternidade humana.

Haverá então mulheres mais capazes de intervirem nos destinos de uma nação, de que muitas das incapacidades masculinas que os regem presentemente.

E não será dado o voto ao mais infimo e boçal dos libertinos para o refutar a mulheres de incontestavel valor moral e intelectual considerado inferior por um dogma e uma convenção.

No entanto elas continurão a trabalhar pelo progresso e pelo bem que libertará a humanidade. E serão elas que do cimo do seu calvario de injustiças e tirania, empunharão o facho luminoso da verdade filtrada através do seu sentimento e da subtileza arguta do seu espirito humanitario, altruista e generoso até ao ponto de perdoar todas as afrontas feitas á sua dignidade.

# O IDEAL FEMINISTA

UMA ideia deturpada, e mal definida, converte-se em paradoxo que desmente a sua verdadeira significação.

Está n'estes casos o feminismo.

A maioria do sexo masculino desconhece-lhe a origem e o fim.

E o sexo feminino afasta-se quasi sempre dos principios em que deve assentar a sua execução. Em tais casos a ideia em vez de avançar recua, em lugar de ganhar raizes, mirra e degenera.

A mulher cultiva-a erradamente.

O homem aproveita-se d'esse erro.

Depois exactamente como uma sinfonia impregnada de inspiração, de beleza harmonica, cai nas garras do fiasco executada por

uma orquestra desafinada, assim o feminismo interpretado por espiritos desorientados, cai no ridiculo das *charges* humoristicas e das peliculas cinematograficas quando degenera em actos de violencia dementada e irrisoria.

O ideal feminista deve ser a incarnação da beleza moral. A sua verdadeira essencia visa atingir a ascensão civilizadora que aperfeiçoará as duas metades do genero humano para guia-las ao triunfo da harmonia pelo amor, pela bondade, pela justiça.

Deve ser uma garantia de pacificação, e motivo de felicidade, de união entre os dois sexos. ¿Como póde exprimir-se em manifestações agressivas, rancorosas e indiscretas?

Os factos que os jornais de preferencia registam mundo em fóra assim o confirmam para gaudio dos anti-feministas. Ora são as aspirantes á carreira militar que arrancam as dragonas aos oficiais. Ora são as sufragistas que arremessam pedradas aos ministros como garotos indisciplinados; ora são exaltadas que vão para os parlamentos de chicote em punho imitando cocheiros de praça; emfim, revolucionarias temiveis que chegam a fazer provisão de materias explosivas, como meio negativo

para reclamar direitos e concessões politicas.

Sucede com isto o naufragio de outras mais justas e sagradas reindivicações.

Acontece ainda que o brilho de tantas obras uteis realizadas por feministas mais sensatas, é eclipsado pela mancha negra de tão lamentavel exibicionismo.

Em Portugal, como é ainda froixo o movimento feminista, ainda não se chegou ao extremo de tais desacatos. No entanto, creio bem não ser erro de profecia não lhe antever nenhum destino triunfante.

Estou convencidissima de que emquanto se não fizer o saneamento radical de processos, será lenta, apagada, quasi esteril a acção do feminismo.

Eu já pertenci a duas associações feministas, cujo programa, em idealização, satisfazia plenamente as minhas aspirações. Mas tive ensejo de averiguar que, da ideia á acção, vai uma grande distancia.

Em qualquer d'elas tentei introduzir os unicos e radicais principios correspondentes ao progresso e harmonia de qualquer colectividade.

A tolerancia maxima, a extrema delicadeza, a ponderação suprema dos factos e de sua razão de ser, são a garantia unica,

viavel e infalivel de estabilidade, de avanço e produção, socialmente util, em qualquer d'estas iniciativas. Os processos opostos estabelecem a discordia. O insucesso das tentativas é infalivel e prova bem á evidencia os desacertos de orientação. E como não se auscultam bem as causas, atribuem-se esses efeitos a outros factos, quando elas não assentam senão nas razões indicadas.

Na primeira associação a que pertenci e que tomou para divisa esta simpatica legenda *«Tolerancia, Verdade e Justiça»*, desaprovei desde o seu inicio todo e qualquer desforço intolerante.

A minha opinião é que, existam embora delitos da parte adversaria, a acção feminina nunca deve empregar processos agressivos.

Exercer violencias, provocar hostilidades, ferir o amor proprio dos adversarios, o mesmo é que excitar odios e antipatias. Retribuir agravos, agravando, é reforçar o ataque e portanto é um elemento negativo de combate.

Inutiliza-se uma notavel percentagem de elementos com as formulas desprestigiosas e dissolventes.

O que se prova é que as partes mais interessadas, são as que prejudicam a sua obra.

Ainda ha dias apreendi esse facto na descrição de uma homenagem dispensada pela prestimosa e patriotica Liga das Mulheres Republicanas, a duas ilustres intelectuaes, D. Alice Moderno e D. Adelina de Sousa.

Dois processos lamentavelmente anti-feministas atraíram a minha atenção. Esta alusão não representa intuitos de censura; visa apenas a prevenir cordealmente e sem ferir susceptibilidades que respeito, certas manifestações que atrofiam a expansão dos belos ideais.

Houve uma oradora que condenou rigorosamente as opiniões anti-sufragistas da Sr.ª D. Domitila de Carvalho. Uma outra afirmou que era necessario *hostilizar* os detractores do feminismo.

Ora se a Sr.ª D. Domitila de Carvalho combate o sufragio, não é ferindo-lhe as convicções nem as de outros animos, que se obtem o triunfo.

Depois, a superior condição moral e intelectual da Sr.ª D. Domitila, representa uma força social. E póde não ser feminista até ao sufragio, mas é-o positivamente, na sua posição de medica, na sua independencia adquirida pelo trabalho, na sua nobre missão de puericulturista e zeladora de

obras de assistencia. Constitue, pois, um elemento de preponderancia social, e hostilizar esses elementos corresponde a hostilizar a propria acção.

E se o sufragio, em certos e determinados casos, representa uma medida de progresso, se as pessoas que o preconizam teem a noção clara de defender um principio de justiça, é por isso que devem prevenir-se com uma inspirada intuição, que assegure o exito das propagandas generosas e produtivas.

Menos ainda se devem hostilizar os detractores masculinos. Hostilizar é afastar, é dissolver. Hostilizar, *nunca;* atrair, *sim.*

Não atrair com processos jesuiticos, mas com o poder supremo do sentimento. Prover dignamente o prejuizo de desconsideração que socialmente nos esmaga.

Demonstrar com a força sugestiva da razão, com a logica emocional da verdade em relação ás leis supremas da natureza, que somos martires da tirania dos preconceitos; que temos direito a amar e a ser amadas, amar com devoção, com delicadeza, com respeito e lealdade, e conscias de merecer a mesma retribuição.

E a ser amadas não exclusivamente como

escravas de harem, mas pelo apreço simultaneo das faculdades fisicas, morais e intelectuais.

Que precisamos de fruir direitos de pensamento e acção correspondentes á personalidade e relativos á sagrada expansão da felicidade individual. E falando á consciencia dos detractores, esclareçamos-lhes a razão entorpecida pela tradição; insinuemo-nos no seu espirito, na sua alma como cativas que o raciocinio dos espiritos generosos deseja libertar da clausura monastica de convencionalismos desumanos.

A intolerancia deve, portanto, ceder o lugar á cordura. A violencia gera odios e o odio gera revoltas.

Confesso, com sentido desconsolo, que raramente se observam esses principios.

E' essa constatação que me fórça a deixar-me apagar no movimento das associações. Preferirei trabalhar individualmente, sonhando com a realidade de uma radiosa visão.

Ver um dia estreitadas fraternalmente, n'um poderoso nucleo, todas as preciosas faculdades de espirito e coração das mulheres que sobresaem na intelectualidade portuguesa. Admira-las n'uma intima aproximação exemplar, harmoniosa e humana, a

caminho do bem, sempre de mãos dadas, sem facciosismos politicos, sem exclusivismos de ideias.

O ritual d'essa obra de amor e piedade seriam as palavras exortativas que a carinhosa e afectiva alma de D. Carolina Michaëlis de Vasconceles ha tempos me dizia: «Ha tanto que fazer!... Na santa cruzada contra preconceitos, a favor das vitimas dos erros sociais—crianças, mulheres, invalidos, dementes, alcoolicos, criminosos—é que a sua afectividade, a sua intelectualidade devem exercer-se.»

¿Mas que póde conseguir-se sem a concentração de todas as forças? Se todas unidas poderão fazer muito, dispersas por conflitos e atritos estereis, ficarão eternamente no *statu quo*.

Ha dias antevi a possibilidade d'essa milagrosa junção, lendo n'um artigo da insigne escritora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, esta frase impressiva a respeito da situação da mulher na familia e na sociedade: «que todas se juntem para resolver este momentoso problema em que o futuro está incluido».

Oxalá que outros desejos semelhantes acompanhem esta nobre ideia saída do admiravel e delicado espirito de mulher que

eu aprendi a amar na madrugada da vida. Foi através das paginas encantadas das «Mulheres e crianças» e das «Cartas a Luiza», que a minha imaginação de adolescente erguêra o castelo de ouro das miragens juvenis. Dentro d'ele, aconchegára a fantasia, na aspiração d'aquele lar harmonioso e feliz descrito pela magia da sua pena.

A realidade impediosa derruiu o castelo de ouro.

É dos seus destroços que eu quizera reunir elementos para ajudar a construir solidos alicerces que evitem estas derrocadas fatais onde a utilidade de tantas existencias femininas fica dolorosamente sepultada! Quizera sobretudo possuir um talisman de fada para converter em obreiras do aperfeiçoamento humano as preciosissimas forças do espirito e do coração das privilegiadas mulheres portuguesas para bem das classes oprimidas, para honra do seu sexo e do Progresso Universal.

*

A corrente das ideias evolutivas, vai impelindo uma onda redentora da civilização. Pouco a pouco ha-de triunfar da ferrugem dos velhos preconceitos. Scintilam progressivamente os reflexos d'uma nova era d'harmonia e confraternização social. Anuncia-se a aurora da solidariedade entre os dois sexos fundindo as energias d'esses elementos n'um só elemento de prosperidade moral e nacional.

A ideia vem-se convertendo em acção; a acção concretizar-se-ha em factos, e os factos estabelecerão principios, cujos efeitos sobresairão em torno da orbita sociologica aureolados pelo prestigio venceder da justiça, da verdade e da razão.

A palavra feminismo, cuja significação real é desconhecida de muitas pessoas que a ridicularizam superficialmente, tem-se comunicado dos espiritos privilegiados aos mais rebeldes, iluminando-os d'aquela ignorada claridade que dimana de tudo quanto se inspira em leis humanas e generosas.

Porque o verdadeiro feminismo não representa, como alegam os detractores, a destruição do lar, a substituição da graça e do recato feminino por liberdades grosseiras que transformam a mulher n'um sêr mas-

culinizado, n'uma virago usurpadora dos direitos e regalias do homem.

A verdadeira intenção do feminismo sintetiza-se n'uma obra toda de beleza moral, cristalizando-se em reflexos sublimes de fraternidade e amor.

Das aspirações generosas é que nascem os largos ideais, e da expansão d'esses ideais é que desabrocham as realidades bemfazejas.

E embora a sua execução haja de realizar-se através do combate rude d'uma resistencia egoista e ignara contra a razão justa e infalivel, esse ideal atingirá por fim a culminancia da consagração geral.

A ideia feminista vem de epocas remotissimas. Já Platão, Plutarco e outros celebre gregos se interessavam pelo seu desenvolvimento.

Senecca afirmava que a condição da mulher era para um Estado a causa da sua salvação ou da sua perda.

—E o periodo da civilização romana em que sobresairam os caracteres de mais saliente virilidade, correspondeu áquela em que a mulher usufruia mais direitos e independencia, tanto na familia como na sociedade.

Mas se através de seculos de indife-

rença essa ideia tem caminhado vagarosamente, é porque o eco de elevados pensamentos repercute-se apenas nas imaginações privilegiadas e vibratilizadas pela aspiração do belo e do justo, em cuja generalização concentram a sua idealidade.

Em quasi todos os paizes no entanto ela tem progredido, embora em alguns se haja manifestado por fórmas violentas que

Desde a fase scintilante da Renascença lhes disvirtuam o alcance.
constelada pela fulguração prestigiosa do espirito, tão fino e subtil como a gracilidade divina da sua arte ornamental, tem-se acentuado em ondulações mais ou menos agitadas, o movimento em favor do feminismo.

Entre a pleiade dos panegiristas que estudam através da sciencia a enigmatica e delicada fisiologia da mulher, movidos pela bondade e pela justiça, muitos combatem ardentemente as leis desumanas que a escravizam. Surgem, porém, de permeio os implacaveis detractores obsecados pelo scepticismo contagioso que vem de longe arrastado na onda torva de preceitos crueis estabelecidos pela antiga barbaria.

Mas, se das teorias de Proudhon dardejam satiras causticas e bilIosas, se o bisturi

cortante de Schopenhauer anatomiza a natureza feminina através d'uma filosofia severa e dura, talvez relativa á forma individual de ver, de sentir e de julgar, a pena amorosa, protectora e divinamente espiritual de Michelet exalta e defende a mulher generosamente emquanto a sciencia humana e profunda de Novicow, Jean Finot e tantos outros apontam a justiça, a verdade e a razão dos seus direitos.

Por isso quando a força adversaria firma a sua prepotencia na fraqueza dos oprimidos, em breve se reduz ao numero menor, assegurando assim o triunfo da causa.

Creiam os adversarios do feminismo, que, se averiguassem imparcialmente os prejuizos que recaem sobre a sociedade e sobre os seus proprios interesses, mantendo a mulher n'uma situação de inferioridade humiliante e desmoralizadora, seriam os primeiros a desejar a sua rehabilitação.

Educada a mulher, instruida, libertada de preceitos biblicos, de leis de escravatura, ser-lhe-hão dados direitos e independencia relativa, que lhe exercitarão a razão e o criterio, ennobrecendo-lhe o caracter. Associando-a fraternalmente ás combinações serias e graves da vida, o sêr frivolo que se condena severamente, embora ele

seja o joguete de caprichos materiais, ha-de transformar-se, aperfeiçoar-se, nobilitar-se.

E então adquirirá uma noção mais elevada dos seus deveres, uma compreensão mais perfeita da responsabilidade dos seus actos, um respeito mais firme pela dignidade propria.

Quanto mais se lhe desdenharem as faculdades de incontestavel utilidade, mais exposta fica á falsa ginastica do espirito que se exercita apenas em coisas futeis e em nocivos sentimentalismos.

Elevada á maior perfeição moral e intelectual, ter-se-ha promovido a unica garantia do nobilitamento autentico das gerações. Ignorante ou fanatizada é um sêr imperfeito, incapaz de exercer escrupulosamente e em relação ás evoluções sociais a missão fisiologica que a Natureza lhe impoz.

Se é inteligente ou ilustrada, ou ainda se dispõe d'uma fina susceptibilidade, á qual correspondem inclinações delicadas, só á custa de uma tortura inconcebivel sofre as consequencias do arbitrario absolutismo que a reduz a uma inferioridade humiliante e prejudicial para os interesses comuns.

E, para quantas o lar se transforma n'um lugar de suplicio que se vêem força-

das a abandonar com a alma desarticulada pela dôr, o espirito aniquilado pela violencia das tempestades morais!

E' para essas a exteriorização emotiva das minhas ideias combativas: é a essas martires de impiedosas consequencias que pelo caminho do sofrimento chegam ao desespero da revolta, esmagadas pela avalanche das convenções, que eu dedicarei todo o esforço da minha acção, do meu espirito, da minha alma apaixonada, embora á custa de sacrificios e dissabores.

E ha uma obra enorme a fazer na investigação de todas as causas e efeitos que confirmam o prejuizo dos sexos.

No campo vasto da moralização, desde o combate á prostituição infantil, vagabunda, até a mulher pervertida no vicio legalizado por uma vergonhosa regulamentação incompativel com os progressos sociologicos, assim como no combate contra os vicios que pervertem o homem e as sociedades, desdobra-se um terreno de vasto alcance que requer um laboriosoo esforço de propaganda.

A vigilancia da educação da mulher, e as precarias condições economicas que lhe fecham as portas do trabalho bem remunerado, para lhe abrirem as do vicio tenta-

dor, como unica garantia contra a miseria, é um dos pontos que pertence ás atribuições sociais da mulher capaz de combater por elas.

Mas esta grave questão, que tão directamente a interessa, só póde ser cuidadosamente vigiada por ela, se lhe fôr concedida uma força moral influente, um poder seguro que exerça dominio preponderante, correspondendo á importancia das ideias justas que defende. Porque sem essa influencia ligada intimamente ao progresso da sociedade, que deve ser escrupulosamente concedida pelas camadas dirigentes, nenhum esforço póde evidenciar-se em proveitos gerais.

E' n'esta ordem de considerações que se admite, como uma necessidade, a concessão de direitos civicos e politicos a um numero limitado de mulheres de categoria distinta.

Porque esse facto não exclue a opinião dos anti-sufragistas emquanto á missão natural da mulher, que nunca póde ser perfeita— com raras excepções — se não se reformarem as condições actuais da sua situação.

¿Porventura ao lado da perfeita mãe de familia — exemplo pouco comum que eu divinizo como um idolo digno do mais fervoroso culto — não podem exercer influen-

cias diversas aquelas que, por um conjunto especial de circunstancias possam colaborar na obra de rehabilitação social?

E são positivamente insubstituiveis as faculdades femininas. O engenho subtil do espirito, a sua admiravel intuição, a penetração agudissima da inteligencia, a exteriorização sugestiva da ideia e do sentimento requintado, aliados ao instinto de abnegação e amor, constituem uma força formidavelmente impulsora que reforçará o valor das mais notaveis individualidades masculinas.

É sob o ponto de vista d'estas considerações que se deve agitar a generalização da propaganda feminista. E' aspera a luta; requer energia, coragem, perseverança, mas, bem orientados todos os elementos, constituirão uma força superior e inquebrantavel.

Aproximando-se pelas ideias, pela inteligencia, pelo coração, as mulheres de *élite* formarão uma só vontade energica e doce, activa e tolerante, corajosa e discreta, austera e acolhedora, detestando a violencia, expulsando o egoismo, estimulando a harmonia, a generosidade e a indulgencia.

Que as nossas armas de combate sejam sómente o sentimento que enternece, a do-

çura que cativa, a graça que atrae, a bondade que converte, que domina e vence.

Sob a divisa d'esses principios cultivarão assim, com esmero, a arvore querida dos grandes ideais — arvore prometedora, bemdita, que alongará pelos tempos fóra os braços vigorosos e fecundantes, tonificados pela acção civilizadora do progresso, para que os seus frutos sazonados, purissimos, sejam gostosamente saboreados pelas gerações futuras.

# ANOMALIAS

A Mayer Garção.

A sua apreciação tão humanitaria e tocante, referente a um crime passional que rematava a vida de uma infeliz mercadora de amor, concentrou n'um fremito de angustia a minha anciedade de combatente, pugnando pela verdade. E para corroborar a subtilissima hipotese da sua elevada compreensão, que vê vitimas onde a sociedade vê culpados, venho narrar-lhe a tragedia de uma vitima semelhante que tem tantas iguais na pavorosa legião de infelizes concorrente ao mercado de carne humana.

E' uma cortezã que passa.

Ostenta, sorridente, a provocadora garridice do seu fausto impuro. Vendedeira

ambulante de graças a mascarar em sorrisos forçados a expressão de dôr que lhe contorce a alma, ela apregoa os seus encantos á multidão de consciencia torva moldada em preceitos de que se não distingue a desumanidade.

¿E' uma delinquente?

Não, é uma vitima.

¿Sorri? ¿Provoca? ¿Deixa por onde passa um rasto de pecado e tentação escandalosa que gera o veneno da desmoralização? Mas, ¿não é o seu pecado o fruto de uma arvore corrompida? ¿Não é o efeito da vaidade que lhe estonteou o animo fraco? ¡Mas se a vaidade e a exibição são o ambiente que se respira! ¿Facilitou-lhe o caminho da corrupção a tendencia de atavismos sensuais? ¿Não pôde o seu progenitor abusar dos licenciosos direitos da prostituição masculina que se transmite á descendencia de ambos os sexos?

No entanto ela passa sorridente e tentadora. Quere-a assim a sociedade. Nem sequer sonha que uma grande dôr poderá esconder-se atrás d'esses olhares garridos.

Não pensa que a graça d'aquele corpo aformoseado a troco de ouro vil, possa, nas horas de amargo exilio, desfigurar-se em contracções de penas, ensopando em lagri-

mas de arrependimento a alva e luxuosa cambraia do leito impuro.

¿De onde viera? ¿Que fatidico destino a lançára n'esse abismo de depravação?

Procreára-a um sêr morbido, fruto de sucessivas gerações degeneradas, que dá um cruzamento de taras histericas, filhas do vicio e do alcoolismo.

¿Que importa que o progenitor jogue levianamente nas mãos impuras o destino da geração feminina? A responsabilidade pertence ao Pae. Mas a culpa, a desumana culpa, recae sobre a filha que expiára os delitos do sensualismo ancestral. Foi assim que cresceu n'um estreito circulo de repressão claustral, entre influencias depressivas, esta flor morbida do pecado.

Como era formosa, atraíu a cubiça de um argentario libertino que pediu a sua mão. E os Pais entregaram-lh'a para se libertarem do seu futuro.

A posse do ouro, supria a pobreza de espirito. Mas um dia, o saciamento arrefeceu n'esse homem, eivado de vicios, o fogo da momentanea paixão. Jogou a fortuna. E caído na pobresa fez da esposa o joguete das suas coleras e da sua ruina. Brutalizada, sobrecarregada de penas, preterida por varias amantes, a vitima sucum-

biu. Desamparada, e saturada de sentimentalismos romanescos, invadia-lhe a imaginação a nevrose de ideias aventureiras.

Nova e gentil, foi requestada.

Apareceu-lhe um comediante de amor que a estonteou explorando-lhe a situação de abandonada, a fraqueza de romantica, a hereditariedade amorosa. Amou-a. Saciou-se. Abandonou-a.

Após ele outros sedutores de oficio lhe hipnotizaram os sentidos eivados de inconsciencia. Da face mimosa esvaiu-se o rubor da honestidade. E resvalou. Após quedas consecutivas perdeu a noção da dignidade e do pudor. Um dia acordou. Quiz levantar-se da vertigem alucinante. No lodaçal em que a afundára a desgraça, a alma delicada e vibratil exalava ainda um perfume de açucena que florescesse entre o lixo de um monturo.

Mas encontrou-se só e coberta de lama que os comparsas da comedia humana atiravam á sua desgraça. Viu-se em frente da miseria. Quiz trabalhar. Todas as portas, porém, lhe estavam vedadas. Foi repelida como se uma lepra contagiosa a corrompesse.

N'uma trajectoria de soledade, só encontrou aberta a porta da desmoralização.

E sem uma mão generosa a protegê-la, sem um conselho a guiá-la, sem um amparo carinhoso a rehabilitá-la das culpas que a outros pertenciam, precipitou-se afinal no desvairamento da prostituição regulamentada por uma sociedade que se diz civilizada. Um dia encontrou uma antiga companheira do colegio. Esta quiz evitá-la. Mas cruzaram-se no recanto assombreado de um parque. A cortezã caíu nos braços da amiga. E essa alma piedosa ouviu entre lagrimas a historia d'este fadario de miseria moral que tão poucas almas eleitas sabiam perdoar. No entanto, ei-la que passa garrida, provocante, ostentando o luxo d'esse corpo que tanto poderia ter sido o involucro de uma vida pura, como o falso ouropel de uma desgraça.

Abafa n'um sorriso de fingido prazer, a dôr de condenada e o desespero de revoltada. Segue-a a cubiça de uns, o despreso de outros, o escarneo de todos quer seja cubiça ou depreso. E os braços que se levantam a apontá-la ao sarcasmo das multidões, são os mesmos que a arremessaram para o abismo da perdição.

No entanto a hoste triunfante dos sedutores nem sequer de leve reflecte que vai ali a obra da sua obra.

¿Quem pensa em chamar-lhe crimes? ¿Quem cuida em classificá-la de erros? ¡Ha tão pouco quem aplique a reflexão dos seus pensamentos a tão graves problemas!... Por isso eu exulto de consolação sempre que me é dado ver os espiritos superiores da minha terra, devotados á sua observação de que depende a harmonia das sociedades futuras.

E bemdigo a natureza que faz da magia da arte e do talento, um iman de poderosa força espiritual cultivando a razão na luminosa exteriorização do sentimento.

# O avesso dos Preconceitos

A Justino de Montalvão.

QUANDO nos fortalecc o animo a certeza inabalavel de que expomos idcias preconcebidas em raciocinios justos c humanos, reanima-nos uma fé que não esmorece perante obstaculo algum.

Os temperamentos emotivos concentrados no sofrimento, retemperam-se em arrojos de convicção, que os lances amarguradas da vida convertem cm lógica experimental e impressiva.

Leio sempre as suas cronicas interessantissimas, com o culto que me merecem requintes de talento e arte, iluminados por fulgurações de emoção. Exponho-lhe hoje as minhas impressões sobre a ultima, deno-

minada *«A Volta das Corridas»*. Admiro o seu estilo, que comparo a um colar de pedrarias engastadas a primor, irradiando scintilações feericas na graça e relevo descriptivo.

Mas, n'essa narração de uma flagrancia critica tão original, eu apreendi, através do comentario que atira a vaidade ás garras do ridiculo, o avesso de preconceitos oculto entre a nublosidade da inconsciencia. Ao lê-la senti com um grande prazer estetico, um intenso desconsolo de quem procura nas entranhas contaminadas de uma sociedade doente, a causa dos seus erros e dos seus vicios corrosivos. Surpreendi esta abominavel incoerencia de costumes, esta irrisoria moral que invade como a lepra, o organismo anemico das sociedades, e que incita á vaidade, ao pecado, á exibição, essas pobres mulheres levianas e pueris, pedindo-lhes só a exterioridade artificiosa e provocante da sua graça mercantil, para estimular apetites luxuriosos, apupando-as quando o sarcasmo do tempo as converte em grotescos espantalhos diluindo em tintas e destroços os primores de galas deslumbrantes. Eu desejo sempre ser justa. Não quero defender os destinos maltratados do meu sexo, fazendo recair as culpas todas para o sexo forte. A culpa é de to-

dos, e não é de ninguem especialmente. A culpa é das trevas, é da tradição, é da genese.

Alimentar os costumes na visão do passado, em vez de perscrutar o progresso creando a vida do futuro, é que é delito. Ora a verdade é que quando se trata de libertar a mulher dando-lhe uma educação que robusteça o seu criterio, e a converta em força consciente e solida, a corrente do animo masculino, contraria esse passo natural da evolução. Por outro lado as ancestralidades do materialismo reclamam a existencia da mulher frivola, o arlequim de exibição, que acende lampejos de rubra cubiça em temperamentos deteriorados pelas predilecções degeneradas.

E essas mesmas mulheres que são o instrumento de prazer, o objecto indispensavel á volubilidade masculina, para estimulo dos sentidos, tão depressa se cubiçam e aplaudem, como se apupam e escarnecem *«A volta das corridas»*.

Ai das pobres cabecitas ôcas e futeis! Os frageis moinhos de vento moendo em falso as falsas ideias dos seus caracteres amorfos! ¿Onde irão elas procurar a resistencia para escaparem ao contagio das tentações diabolicas, hipnotizando-lhes a razão enfraquecida?

Se o caracter perfeito é uma força de

antemão preparada como regra primitiva da vida para resistir ás alterações dependentes de circunstancias variaveis, ¿ quais são as condições do meio ambiente social que nos cerca?

A má educação; as armadilhas da moda atingindo os paroxismos da loucura na furia de originalidades; o delirio predominante da ostentação, o reclame pessoal obtido á força de excentricidades e de garridice inestetica; a influencia do homem saturando a mulher de vaidade, insinuando-lhe a convicção de que lhe aprecia e apetece sómente a graça fisica. Eis aí os elementos d'uma sociedade falsa, hipocrita e desmoralizadora.

E não atacando a individualidade mas tão sómente os costumes, prova-se que o homem colabora extraordinariamente n'essa obra.

A mulher bem sabe que é discutida só pela riqueza dos ornatos, pelas proporções plasticas, pela garridice da *toilette*, emfim, por todo o *ensemble* provocador que agite o instinto material. O sêr moral, a graça do espirito ocupam um lugar inferior. Assim, frivola, vã, inutil é que a desejam e querem.

Entre uma *coquete* dominando pelo luxo,

pela provocação, pela astucia, pelo sofisma e pela imoralidade, e uma mulher modesta, bela de graça espiritual, menos deslumbrante do corpo mas mais formosa de alma, o homem vencido pelo instinto vulgar, prefere regularmente a primeira.

¿A razão? E' não existir uma educação que prepare ambos os sexos para se considerarem forças vivas a quem compete proclamar no amor puro as leis da atracção, prepetuando a especie, e tendo por dever elevar-se, aperfeiçoar-se, dignificar-se para o culto da vida na sua alta função humanitaria e progressiva.

A sociedade vive n'um erro. Sofre agruras sem conta. E as causas principais proveem de manter a mulher n'um nivel de inferioridade que desloca da vida social uma soma incalculavel de condições indispensaveis á sua reforma.

¿Como não hão-de existir as protagonistas que forneceram o tema da sua cronica tão artistica? Que todos aqueles que manejamos a pena atravez do entendimento lucido dos factos cuidemos de estudar com esmero este momentoso assunto.

# OS ERROS SOCIAIS

A Sousa Costa.

Ao ler a sua ultima cronica do *Janeiro* tive a impressão de que a sua pena scintilante e misericordiosa, exteriorizava as minhas proprias impressões.

Estremecêra-me o mesmo fremito de revolta quando sob a epigrafe «Crimes adulterinos» li a narrativa do tragico episodio de Santa Marta.

Nostalgica de verdade e de justiça, eu presenti através da inconsciencia social, todo esse doloroso calvario de agonias morais, toda essa tragedia de fome que precedêra a queda da misera ré dos delitos alheios.

Era culpado o homem que a unira ao seu destino assumindo o dever de ser o seu

amparo moral e material. Era criminoso porque a abandonára fraca e desamparada aos furtuitos acidentes que expõem a mulher nova desprotegida á cubiça dos estranhos. Deixára-a só com a sua fragilidade, com a sua miseria e tres filhitos. Não soubera reflectir que o amor de mãe é tão grande, que no seu egoismo sublime se converte por vezes em crime.

Foi ele o criminoso, vitima, ele tambem, dos tremendos erros do preconceito que embota a razão.

¿E era ela a unica responsavel? Vem depois o sedutor. Surge a fera humana a quem os costumes conferem o titulo de justo e racional, embora no seu rude e egoista materialismo, seja por vezes mais desumano que as proprias feras. Cubiça a presa. Enreda-a nas malhas de uma calculada e hipocrita sedução. Arremessa-a á queda com flngidas promessas. ¿Saciou-se? ¿Conseguiu aumentar com mais um ponto escuro a coroa de gloria impura das suas conquistas amorosas? E' quanto basta. D'aí em diante um pontapé brutal responderá aos queixumes da despresada. E um grito de revolta, uma agonia de desespero que encara tres crianças com fome, e a perspectiva do labéu na desonra revelada, arremessará

ao crime o braço contorcido em desesperos de naufraga.

Mas os verdadeiros culpados dissolvem-se na bruma da inconciencia. Eles continuam seguindo de fronte lavada e tranquila o caminho aberto pela ignorancia, que é uma vedação de justiça. Ela irá rolando de degrau em degrau até cahir no precipicio. Do abandono á dôr; da dôr á desgraça; da desgraça á miseria; da miseria á deshonra; da deshonra ao desespero, ao crime.

¿E o grito da natureza que conheceu o amor? Com que direito o satisfaz o homem e é crime na mulher que o não pôde sufocar, obedecendo á lei egual da natureza? Mas é ela que vai expiar na prisão os delictos de trez: a sociedade, o marido e o seductor. E' ela a infame, a culpada, ela que fôra uma heroina. Uma heroina, sim, porque talvez o seu amor de mãe divisasse no primeiro sorriso, entreabrindo a boquita rosea que sugaria o seu leite, amoravel, um consôlo para os seus tormentos.

Talvez antevesse n'aquela alvorada de vida uma alegria suave, um sorriso de esperança. E amarfanhou-o e matou-o. Matou-o talvez por amor. Matou-o para que não sofresse. Uma simples contorsão, e eis

inerte o fructo da sua desgraça. Pertencia-lhe, era d'ela.

A sociedade, que não se importaria d'ele vendo-o sugar esfomeado e doente um seio mirrado de privações, não tinha direito a pedir-lhe contas do humano delicto que lhe pôz o ferrete de infanticida. O infanticidio cometia-o essa sociedade, cometiam-no os seus dois cumplices. Ela não foi uma criminosa, foi uma mãe. Despojou-se do filho para o libertar. Renunciou ao seu amor para o poupar á fome. ao estigma de bastardo, ao labéu da deshonra que marcando a fronte da mãe manchava a fronte do filho.

Todavia a maternidade é um titulo de gloria para todas as mães. Maior ainda para aquelas que, sendo martires, de uma sociedade de mentira, e cumplices inconscientes dos erros que a deformam, são vitimas e não criminosas.

# DESPEDIDA

A' minha querida amiga Antonia Medicis.

DIGO-TE adeus, vou partir: Partir!... ¿Por ventura partem as almas que se dispersam em fragmentos de afecto e saudade? Mas em breve a distancia me furtará ao adeus tão grato e carinhoso da tua amizade. Já se ouve ao longe o arfar da locomotiva que lança no espaço d'esta manhã dourada e macia de outono, rolos de fumo ondulando e subindo para o céu como um incenso de *liturgia* panteista consagrando o progresso e o genio inventivo do homem.

Mas antes que o grito estridulo da partida se repercuta nas quebradas floridas dos

vales, antes que a serpente metatilica deslize em curvas embaladoras através da nossa pitoresca e graciosa região, eu quero deixar, nas tuas mãos gentis, esta oração de louvor á tua bondade. Quero dizer-te que ela é a expressão viva da solidariedade que tanto se apregoa e tão pouco se exerce. Quero afirmar-te que é a significação perfeita do sentimento feita de impalpaveis e subtis moleculas de amor e nobreza de alma. Na sociedade egoista e utilitaria em que vivemos, essa bondade, de tão rara, é quasi utopia. Exercita-se pouco, e menos se sabe compreender. Só os escassos exemplos, em que tu sobressais, nos garantem a generalização futura d'esse principio exclusivo da harmonia universal.

A psicologia da bondade actual, conheço-a eu bem, infelizmente. Na maioria dos casos é uma manifestação imperfeita, incompleta. E' interesse, é calculo, é vaidade, egoismo, ostentação, imbecilidade. E raras vezes traduz aquela expontaneidade afectiva, diluida em rasgos de emoção previdente, intuitiva, que tactea subtilmente todas as dores, que esparge todos os confortos; que é a bondade *inteligencia; a bondade sentimento; a bondade redenção.*

Embora a nossa raça possua em embrião as celulas d'essa perfectibilidade, a

grosseria dos costumes, a epidemia da vaidade, a inconsciencia, atrofiam o reflorir de tão puras manifestações que são a constelação suprema da beleza moral, a cristalização pura do amor. E' por isso que eu admiro fervorosamente a peregrina incarnação d'essa beleza que floresce entre as arestas bravas do egoismo em que se fere a nossa sensitividade.

Admiro-a em ti, porque a surpreendo nos fluidos de sentimento palpitando em todas as arterias da tua natureza generosa e vibratil. E' que além das qualidades natas, possues as influencias ancestrais de uma raça que impõe ao mundo o exemplo de uma harmoniosa e libertadora civilização. A bondade, e a pureza de costumes, que são a divisa da pacifica, da laboriosa e ilustrada Suissa, berço de antepassados teus, é em ti uma realidade encantadora. Era isto o que eu pensava quando ha dias caminhavamos através das frondosas carvalheiras espelhadas na curva liquescente e glauca do rio que circunda a tua adoravel e hospitaleira casinha de campo.

Envolvia-te um singelo vestido de percal.

E alheada de ti, desprendida de exterioridades ostensivas, pensando apenas no bem-estar dos teus e na educação do ban-

do de crianças acolhidas sob as grandes azas do teu amor, revestia o teu vulto atraente, todo o encanto da formosura de alma. Eras a personificação da simplicidade que distingue a mulher suissa, instruida, equilibrada e liberta pela concepção elevada da vida, coerente com as luzes modernas.

Quanto temos nós a fazer n'um terreno bravio, secularizado de tradições barbaras, absurdas, para que cheguemos ao aperfeiçoamento de consciencia d'esse Povo admiravel onde os homens e os animais sofrem menos, como diz *madame Coulevain*?...

Aproxima-se a hora da partida. Bem sabes com que magua o digo. Mas ha soluções na vida que são deveres. Ha aspirações que são a sagrada compreensão das leis dinamicas reguladoras dos nossos destinos e aliando o martirio estimulante da escravidão á faculdade de o exteriorizar para constituir a prova que a verdade e a luz proclama como principio de libertação das sociedades em luta. Ha muito, muito que semear na sociedade onde mal despontam os primeiros alvores da civilização oscilando ao sopro mortal dos combates que aljofram de sangue e de lagrimas a terra onde deveria frutificar o Amor e a Paz. D'essas lutas guerrilheiras, é no entanto que

devemos extraír a nossa fé. A' luz da reflexão que, nos fenomenos da natureza, nos prova que as grandes reacções são o preço das grandes dores e dos pavorosos cataclismos, jámais esmorece a esperança dos verdadeiros crentes. Ha duas causas fundamentais que precipitam a humanidade no abismo das guerras: é o prejuizo das raças; é o problema dos sexos. Todas as energias de competencia são poucas para os combater até formarem uma *élite* de maioria que triunfe.

Eis porque eu devo partir, querida amiga, procurando instintivamente um campo mais vasto onde o meu esforço ganhe terreno. ¿O que são os nossos interesses intimos perante a sagrada causa colectiva?

No exilio de egoismo e de ignorancia que é a sociedade de hoje, consola-me a ideia de que és, na minha ausencia forçada, o amparo de duas crianças que adoramos, e o conforto da mãe adoptiva e generosa que estremecemos. Que o teu imenso carinho seja a compensação e o grato estimulo de virtudes e abnegação que nem sempre são bem interpretadas em ambientes onde a maledicencia e a má fé predominam.

¿Que importa a mentira a quem vive para o culto radiante do bem e da verdade?

Por isso eu aperto sómente com internecida saudade as tuas mãos de eleita. Deixo-lhe uma parcela comovida da minha alma diluida em duas lagrimas de sincera e grata devoção pelas tuas excelsas e sublimes virtudes.

# O TRAFICO DO VICIO

NAS sociedades assentes em falsas bases de imoralidade, as garantias do progresso são sempre negativas. O homem caminha afinal no inverso da razão. Aonde julga buscar o prazer encontra a morte; quando pensa seguir as leis da natureza, da verdade, profana-as e insulta-as contra si proprio. Está n'estas condições a licenciosa admissão ao trafico do vicio.

A natureza dando aos sêres a vitalidade e a força que são a garantia da reprodução da especie, não indica aberrações. Estas são sómente consequencias viciosas opostas ás verdadeiras e puras leis naturais. A degenerescencia que originou a industria da prostituição, é apenas proveniente do prurido de corrupção, que cada vez mais cresce á medida que mais se exercita, defendida pelas concessões absurdas que a

sociedade confere ao homem, excluindo-o de responsabilidades sobre a função imoral em que os dois sexos são coniventes, mas de que o homem é o principal culpado.

Se não, vejâmos.

A situação da mulher na nossa sociedade é muito subalterna. Escasseiam as garantias morais e economicas que a mantenham n'um nivel equilibrado e justo, e lhe dêem a noção clara da sua alta e nobre funcção social. Continuando a ser encarada como ser inferior pela camada abstracta dos que vivem á tona da vida, sem prefundarem os direitos que pertencem a cada sexo, é considerada como objecto de que o homem dispõe livremente. Desarmada do apoio que só uma solida instrução póde proporcionar-lhe, cai facilmente nas mil redes de sedução que se preparam aos seus passos incautos.

O homem, a quem é permitido contar como triunfo o maior numero de conquistas, vangloria-se das armadilhas preparadas á ingenuidade de milhares de vitimas sem criterio nem educação que as ensine a distinguir o valor das intenções, ou de actos que só teem em mira perde-las, arremessa-las para a perdição. Caidas no primeiro precipicio, a sociedade com o seu inconsciente desprezo se encarrega de as impelir

para maior abismo. E ao auctor d'essa obra, simbolo de preconceito, ainda cabe o direito de insultar, de esmagar, de abusar da desgraçada que a cegueira perverteu. Ora o aumento pavoroso da prostituição é que póde considerar-se o verdadeiro cancro social.

Essa infeliz instituição, que é obra do homem e não da natureza, tem de ser combatida energicamente no seculo das luzes.

E' urgente fazer compreender ás consciencias amorfas que ela não é senão consequencia dos desbragamentos que se desenvolveram em epocas em que muitos elementos dissolventes contribuiram para a dissolução dos costumes.

O feudalismo da Idade Media, as Cruzadas, a vida de ociosidade, de fausto e de lubricos requintes que crearam as hectairas na Grecia, ao lado dos gineceus, em que a mulher era o animal submisso, foram as correntes principais que abriram, sob a salvaguarda de leis, as portas infamantes dos lupanares.

Hoje, as precarias condições economicas, a escassez e má remuneração do trabalho feminino, a falsa orientação educativa, a degencrescencia fisica e a sofreguidão de luxo, as mil tentações que desnorteam o espirito fraco da mulher, dão um acrescimo

pavoroso a essa assustadora epidemia que representa o exterminio, a deformação dos seres contaminados de abjectas enfermidades, emfim, a ruina, a dôr, a decadencia moral e material da sociedade e da familia.

E porque a sua consequencia invade a nossa casa, defórma de males incuraveis os nossos filhos, devora os nossos interesses e cai como um labéu de ignominia no meio a que pertencemos, é que esse assunto deve interessar directamente a nós, mulheres, aptas a entrar pela educação e pelo respeito que devemos a nós proprias no debate d'essa causa, de tamanho alcance sociologico.

E por mais arido, escabroso e improprio que pareça este debate áqueles que vêem em tal caso uma violação de falsos pudores, eu direi que toda a mulher digna e inteligente tem o direito de intervir n'um problema tão grave, sabendo encara-lo como uma melindrosa questão de principios scientificos, a que se liga a causa sagrada da felicidade humana. Deveriamos, pois, todas nós promover um nobre movimento colectivo e solidario que sirva de dique ao acrescimo espantoso d'esta enfermidade social, creando um centro humanitario de onde emanassem medidas combinadas de assistencia moral a essa legião de infelizes, que aumenta dia a dia.

# Confraternização feminina

A intriga e a maledicencia são sem duvida as maiores chagas sociais, corrompendo o seio das sociedades.

Como um parasita traiçoeiro, que invade e destroe a raiz das plantas mais viçosas, elas impedem no espirito e no coração, a germinação de todos os sentimentos generosos que se inspiram em principios de tolerancia e amor.

E' certo que pouco mais ha a esperar da acção do actual sistema educativo tão frivolo e esteril na sua generalidade.

D'aí a falsa vida mundana feita de banalidades exteriores favorecendo a urdidura desoladora de intrigas, de despeitos e malquerenças, alimento preferido de espiritos vulgares, que maquinalmente se deixam ven-

cer por esse defeito, tanto mais perigoso, quando se transforma em habito, e o habito fórma uma segunda natureza dificilmente modificavel.

E—triste é confessa-lo—quando alguem levado pela tolerancia natural de quem, investigando minuciosamente a origem dos factos, procura insinuar razões, que modifiquem um tão deploravel sistema, ainda a critica implacavel sofisma ironicamente essa intenção, aceite apenas pelos espiritos superiores, dispostos á indulgencia para todas as manifestações imperfeitas do sêr humano.

Mas todo aquele que aspira a aperfeifeiçoar-se moral e intelectualmente, deve protestar contra o prurido desmoralizador de maldizer, de ferir caluniosamente os semelhantes, aviltando-se a si proprio, pervertendo o caracter e todas as faculdades do espirito, aplicaveis a causas mais transcendentes.

No elemento feminino a causa primordial d'esse defeito é a mesquinhez do meio em que a actividade moral da mulher não encontra terreno para desenvolver-se.

Envenenada de coquetismo, viciada na intriga miudinha, do mundanismo pueril, o espirito permanece futil, leviano e ôco, incapaz de coordenar uma ideia, de ex-

pô-la inteligentemente, com interesse pela causa comum do bem social.

E então a intriga, quando posta ao serviço de interesses proprios, sob o abrigo de bisbilhotices anonimas e perfidas, essa traduz a mais infima degradação moral.

Semelhante procedimento, inspirado pela inveja e pelo egoismo, e oculto sob falsas exterioridades de fingida polidez, afasta os mais preciosos elementos da harmonia perfeita na sociedade.

¡Tristes processos de intolerancia e de luta!

E tanto mais vil é a critica, quando vinda de espiritos que se dizem cultos.

Na cegueira do seu procedimento facioso ¡nem compreendem quanto se rebaixa aquele que por tais processos tenta rebaixar!

A's vezes esse habito deploravel, chega a envenenar factos que são apenas manifestações francas de espiritos que não podem submeter-se a dogmas opressores que retraem a expansão de emoções inofensivas.

¿Porque não ha-de a humanidade tornar-se generosa, toleranta, julgando benignamente os defeitos alheios, que tantas vezes são os seus proprios defeitos?

E nós, as mulheres podemos, se quizer-

mos, contribuir para a reforma da sociedade—creando em volta de nós o estimulo do aperfeiçoamento moral e intelectual, civilizando-nos, cultivando os prazeres espirituais, afeiçoando-nos ás manifestações da arte, que educam os sentimentos.

E sendo a literatura, sob o ponto de vista social, a arte que mais aproveita ao espirito, escolhâmos a boa leitura que instrue e proporciona os mais gratos prazeres.

A mulher, ainda mesmo a mais adversaria das evoluções que aspiram a libertá-la do jugo opressor do preconceito tradicionalmente absurdo, póde simultaneamente ser uma perfeita *ménegère* e uma creatura civilizada e instruida; porque só a instrução abre novos horizontes de luz e verdade.

E agora, que as longas horas de inverno convidam ao conforto intimo de reuniões agradaveis, ¡como seria grato e ultil organizar lindos serões instrutivos em vez de gremios estereis de mexericos e de critica cortante e maligna!

# Os rigores penitenciarios

QUANDO na minha diaria trajectoria subo as ridentes alêas da Avenida —o florido coração da capital—sempre que lá ao cimo encaro de longe a mancha sinistra da Penitenciaria, enluta-se-me o coração de tristeza e constrangimento, por pertencer a uma sociedade que consente no seu seio aquele labéu da civilização.

E sinto congelar-se-me o sangue fitando essa sombria aparição que, aliás, por um sarcastico contraste ostenta exteriormente o roseo colorido da aurora sob a cupula radiante do céu e entre a vegetação luxuriante das campinas. Emquanto que lá dentro, na escuridão arripiante de catacumba, ¡tudo é lugubre, pavorosamente lugubre, noite cerrada de desventura sem lampejo beni-

gno de piedosa claridade, sem uma lufada refrigerante de ar puro a reanimar o estiolamento do suplicio!

Confrange-se-me então a alma em um soluço que estrangula o pensamento detido n'este doloroso ponto de interrogação:

¿Que tragicas e impiedosas circunstancias esmagarão n'aquelas celulas de dôr e oprobrio a alma ansiada dos miseros encarcerados?

Ao lado do pezadelo do remorso, da angustia, da inconsciencia, do arrependimento de impetos momentaneos, ¿não se arrastará horripilante e mortal, o suplicio do inocente que uma vingança, uma traição, uma sofisma, ou até um erro judicial atirou desapiedadamente para aquele viveiro de loucos?

¡Quantas almas generosas e boas que uma hora traiçoeira de perdição criminalizou, se convulsionarão em paroxismos de desespero e de revolta até asfixiarem mortalmente emparedadas n'esse tenebroso sarcofago de vidas lentamente cadaverizadas!

E como se não bastasse o impio castigo pela renuncia forçada de todas as alegrias, a mutilação iniqua de todas as aspirações, a morte em vida de todas as esperanças, nem ao menos--¡oh, atrocidade das leis so-

ciais!—nem ao menos se lhes concede a benção piedosa do céu a dulcificar-lhes horas de infidavel tormento, nem a restea carinhosa de sol a enxugar-lhes lagrimas de arrependidos, nem a luz franca da natureza a iluminar-lhes a negrura do espirito que sairá da treva celular para a escuridão atrós da demencia.

¡E não haverá mão humana que arranque da face livida d'esses tragicos fantasmas da desgraça aquela mascara maldita, infamante, que blasfema dos proprios sentimentos de justiça e que — agonia suprema — nem ao menos lhes permite dilatar a alma derrancada pela dôr na expansão livre e consoladora das lagrimas!

Sociedade de trevas e de mentira, que giras n'um eixo ignominioso fundido só em egoismo e vileza, espadanando impiedosamente desumanidade e injustiça.

Senhores legisladores dos codigos penais, vós repelis as teorias sabias e humanas de Lombroso — o grande filosofo da verdade — e no entanto elas encerram o segredo *intangivel* da regeneração social. Sim, *«não ha coisas mal feitas nas naturezas mal feitas»*. Mas se o vosso pensamento distribuido por outro rumo de ideias, a vossa consciencia ludibriada pela hipocrisia

dos preconceitos, o vosso caracter fortalecido pela preparação, ou obsecado pelo egoismo, ou endurecido pela tradição de leis barbaras, não vos consente concordar que todos nós somos um fragil joguete dos caprichos voluveis do destino, do dominio ondulante que ele exerce na nossa vida, dependente d'essas oscilações imprevistas e reguladoras da nossa conduta moral e social, crêde que tão culpado é o criminoso por atavismo como o aleijado o é da sua triste deformidade. Por isso revelam deshumanidade os entendimentos que aplaudem tais processos de castigo, peores que a guilhotina que mata, mas em rapidos momentos; peores que as torturas inquisitoriais, porque se prolongam em anos de infindavel martirio.

¿ E' indispensavel sequestrar os delinquentes á sociedade?

Separem-se os criminalizados por instinto e encerrem-se em reclusões sadias e humanas. E aqueles que se infelicitaram por impetos desvairados — por vezes mais frequentes nas naturezas generosas — estimulem-se á regeneração n'um ambiente de carinho, de indulgencia e de conforto moral.

Não é n'esse sorvedouro de vidas, onde

é sempre noite em pleno dia, que se modificam instintos, que se convertem consciencias, ou se moralizam caracteres. Não. Ali adeja apenas sinistramente o murmurejar surdo dos cruciantes desesperos, o sussurro latente das férvidas imprecações, o refluir secreto de odios e amarguras, e enfim o latejar da maldição explodindo estrebuchante, rastilhando em ascensos de coleras reprimidas, a labareda tragica da vingança.

A Penitenciaria, senhores, não regenera: perverte, enlouquece e mata. Crêde que os unicos antidotos eficazes contra a criminalidade são a educação fisica, moral e intelectual, o trabalho e o exemplo da bondade, da indulgencia e do amor.

Escolas, senhores, escolas em vez de aljubes. Gremios confortaveis de instrução, de justiça e fraternidade onde a jorros benditos entre, com a claridade limpida do sol, a verdade, a alegria, a Luz, na harmonia suave e transparente da natureza, ensinando os homens a amar-se e embelezarem a vida, repudiando o odio e a maldade.

Que todos aqueles que sentem dentro da alma crepitar a sagrada chama da bondade me acompanhem n'este brado de justiça.

# TRIUNFO FEMINISTA

*A primeira advogada portugueza Regina Quintanilha.*

CHEGO do tribunal.

E, confesso, exulto de orgulho por se me deparar um triunfo para a causa do meu sexo. Esse triunfo representa um passo largo para a conquista das reivindicações femininas.

Venho de assistir a um julgamento que teve como advogada a Doutora Regina Quintanilha, a primeira jurisconsulta portugueza. Um fremito de entusiastica esperança afervora as aspirações que me enlevam e que devem animar todas as mulheres portuguezas, anciosas pela afirmação do

seu valor e pela reabilitação justa dos seus direitos. A entrada de uma mulher na carreira da advocacia, corresponde a salientes vantagens sociais. A gestação das ideias produz-se pela cristalização dos factos. E os factos radicam-se pelas provas concretas. Verdade é que Regina Quintanilha é uma natureza excepcional. Surge na sua estreia nimbada de um prestigio natural que vem aureolando o seu nome desde os bancos da Universidade, notabilizando-o pelas raras proporções morais e intelectuais. Parece que á natureza aprouve predispor esta excepcional estrutura de mulher, para ser a mensageira ideal das reivindicações do seu sexo.

Perante o auditorio que assistiu á defesa em que a novel advogada poz em evidencia faculdades intuitivas de sentimento, reunidas a um ponderado espirito de reflexão observadora, deve ter-se radicado a certeza de que é indispensavel que o concurso da mulher traga o manancial dos seus dotes imobilizados ás correntes da moderna civilização.

Nas salas dos tribunais, paira sempre uma atmosfera fria e pesada. O magistrado embora possua a maior soma de sensibilidade, é regularmente, dentro da toga, um jul-

gador severo, um executor de leis que tem um cunho de rigidez preceitual, uma glacial e abstracta formula de penalidade que raro se conjuga com as manifestações de sentimento, cingindo-se apenas aos traços dos preconceitos classicos.

¡Como esse ambiente carece de ser suavizado por um perfume de almas delicadas, por um roçar de azas carinhosas que abrandem a dôr do condenado sem sair das normas da justiça, por uma voz de eloquencia suave e branda que, enternecendo e persuadindo sem os arrebatamentos que sacodem violentamente retinindo em sonancias retumbantes, produz mais efeito no seu ritmo melodioso de sentimento, tocando as almas como um acorde comovente de razão!

E' essa lacuna que, hoje, foi preenchida no tribunal da Boa Hora.

Em meio da multidão masculina, destacava de uma fórma simbolica o vulto expressivamente doce e gracioso de uma mulher que dispõe de uma simetria de caracter harmonioso e insinuante, reflexivo e profundo. Julgava-se um crime que, parecendo vulgar, quasi não oferecia á defensora elementos favoraveis para ganhar a causa do constituinte.

Crime original, interessante, entrando nos dominios da alta psicologia, tema deveras curioso para uma analise dos costumes e da psique nacional. Mas muito pouco favoravel para o triunfo da causa sujeita aos preceitos que formam a base ilogica dos codigos judiciais.

Tratava-se... ¡de um crime da bondade! Julgado como vulgarmente se julga um delito, pelo efeito alheio á origem, a simples consumação do facto, tinha o aspecto de uma culpa fraudulenta. Mas, ¡quanta beleza moral aparece por vezes detrás de um caso, de que a obcecação convencional não deixa ver a grandeza, para só ver a superficie delinquente!

Um velho de alma sensivel e generosamente impulsiva, cedêra brandamente, e de boa fé, a uma singular e imprudente solicitação.

Era um caso em que figurava um piano alugado, uma mãe que invoca a piedade do executor da lei fiscal para adiar a entrega do piano além do praso estipulado.

E' que a entrega do piano transtornaria os nervos de uma menina doente.

As vibrações do classico instrumento, que figura nas paginas humoristicas de Gervasio Lobato, constituiam o lamiré dos

idilios amorosos, requebrando silhuetas languidas, morbidas, e serpentinas ao som das valsas corriqueiras que são a delicia das pobres meninas histericas. Mas a dôr banal, repercutia-se angustiosamente na alma de uma mãe, e a angustia da mãe comoveu o coração cardiaco e sensivel de um velho.

N'uma crise patologica, vê só a dôr. A objectiva das consequencias, perde-se na bruma da consciencia perturbada pela alteração fisiologica.

N'um gesto nervoso, irreflectido, assume uma grave responsabilidade.

E, pela primeira vez na sua vida, exerce a função de falsario. Assina um recibo dando como recebido o piano que, devendo entrar no dia seguinte, nunca mais voltou. E' que depois de passado para as mãos da mãe suplicante o recibo que representava a salvação da crise histerica, o instinto da ambição germinou em tentações de fraude. E, a boa fé de uma natureza fraca, convertêra-se em prova delinquente que maculava um passado de trabalhador honesto. D'aí a figura d'esse velho de traços aristocraticos e genericamente nobres, curvado sob a acusação de crimi-

noso, e sentado no banco dos réus com o ferrete da ignominia.

As leis são inflexiveis. E o caso assumia toda a gravidade correspondente a uma fraude sujeita á penalidade penitenciaria. Julgado pelos processos comuns, poucos advogados conseguiriam agarrar o fiosinho tenue de uma razão atenuante.

O acto encontrava-se revestido de circunstancias agravantes. Mas, lá estava adejando em torno da fronte d'esse velho, circundada por uma nevoa de cans amarguradas, a aza nivea e amoravel de uma alma transparente de mulher.

E em breve se dilatava em vôos de eloquencia, sugestiva como uma luz de aurora, limpida como um olhar de criança, tocante como o amor de uma mãe e vibrante como a invocação de uma sacerdotisa.

«Julgava apresentar o seu constituinte como uma vitima. Afinal, tinha que o apresentar á sociedade como um culpado.»

«Porque, a bondade demasiada era um defeito.

«E o réu excedêra o quilate da bondade esquecendo-se de si, lançando-se n'um pêgo de responsabilidades para salvar estranhos que imaginára retalhados de um pezar extremo.»

E a palavra maviosa sai dos labios frescos de uma mulher de vinte e dois anos em arroubos de douta argumentação, como se dentro da sua expressiva cabeça de inspirada um estranho fenomeno de precocidade houvesse acumulado tesouros de ponderação filosofica, retemperados por todas as suavidades das almas mimosas que enleiam e comovem. Da sua compreensão de mulher, jorram *considerandum* scientificos, humanos e suaves como uma nascente refrigerante e fecundadora, irrigando terrenos maninhos e incultos.

Passa na sala um fremito de comoção que aflora em expressões de simpatia pela causa debatida. O juiz desce do seu estrado para saudar enternecedoramente a jovem causidica.

Cercam-na paternalmente os colegas e os escrivães. A multidão olha-a com simpatia e devoção. E o juri absolve. O réu levanta a cabeça curvada. Em cada fio da cabeleira branca parece fulgir um raio de alivio. O calor do sentimento descongelára a rigidez dos codigos. Não foram violadas as leis humanas. Apenas se obedecêra á voz da natureza que redimira pela bondade, o réu que por bondade pecára.

¿Que maior expiação poderia ser dada

a uma natureza sensivel, do que aquela de sentar-se, algumas horas, que representavam seculos de agonia, n'um banco de expiação, exposto á censura de um publico que o considerava criminoso?

¡Quantos e quantos crimes de bondade serão punidos implacavelmente, julgados por aspectos que iludem os representantes da justiça e fazem da lei um algoz, estrangulando ás vezes existencias em que predomina o excesso de sensibilidade, e a fraqueza de vontades doentes!

¡Que horrorosa deve ser a expiação de um impulso momentaneo, alucinado, a que mais sujeitas são as naturezas generosas!

E essa má hora sepulta criaturas boas na celula de uma penitenciaria, ¡sem que a rigorosa analise psicologica do crime e do criminoso, dos antecedentes da sua vida e das condições que o rodeavam, sirva para provar a irresponsabilidade criminal, e reformar os processos de regeneração!

Esta refundição de sistema penal em vigor, depende de uma investigação scientifica muito minuciosa, que deve ser aliada da bondade divinizando a suprema justiça. E' uma missão tão subtil que não prescinde do concurso da mulher.

A scena do tribunal a que acabo de assistir é a prova palpitante de que ha no campo da justiça uma lacuna que reclama a sua assistencia.

E' por isso que a minha pena traça jubilosamente, sem devaneio ou lisonja, mas com justiça e calor, a monografia de um d'esses tipos de mulher feminista-pacifista, hoje tão raro mas que ha-de vulgarizar-se quando o progresso constituir uma realidade.

Agouro na influencia da primeira advogada portugueza um sucesso de reabilitação moral e humanitaria muito favoravel no mundo da jurisprudencia. Porque sob a toga austera e grave da advogada vibrará uma alma de mulher embelezada por todas as belezas de sentimento e de intuição. Será humana, sendo justa. Será justiceira, sendo compassiva.

Os debates mais aridos e escabrosos, vistos através de uma lente de psicologia humanitaria, serão julgados através da *«justiça-justa»* impregnada de luz e bondade.

Ha uma força dinamica emanada dos sêres que concentram e projectam a radio-actividade da emoção intensa. Essa força converte, sugestiona, convence. Depois a dife-

rença de sexos estabelece maior corrente de simpatia. E a mocidade é sempre graça, sobretudo quando a mulher sabe ser agradavel e sisuda, atraente e simples, graciosa e modesta. Em tais casos conquista e eleva sempre nos limites do maximo respeito e da mais pura devoção. E a confraternização dos sexos realiza então a harmonia de sentimento e da razão, que representa progresso.

N'estas condições, é que Regina Quintanilha será, no campo forense, o que a eminente professora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos tem sido entre discispulas e colegas que a amam e veneram na Universidade de Coimbra.

Entre a multidão tumultuaria e turbulenta dos tribunais, imprimirá uma nota delicada e conciliadora, a silhueta distinta de uma mulher fina, envolta na leveza vaporosa do seu vestido elegante, confeccionado pelas suas proprias mãos de artista, compenetrada de que á mulher cumpre por natureza adornar-se esteticamente sem incorrer em pretenções de exibicionismo *coquette*. E prestando culto á arte e á harmonia, prova ainda que se póde manejar a pena e revolver codigos, exercitando ao mesmo tempo a agulha, e cuidando dos *pe-*

*tits riens* da *toilette*, da direcção e embelezamento do *ménage* com a metodização que dá ao tempo elasticidade pratica e conserva os prodigios de organização que põe em realce a mulher superior.

Compraz-me apontar aos Molières portuguezes o contraste de uma mensageira ideal do progresso, revestida de encantos feminis, vaporizada na frescura do seu trajo claro, sobraçando a pasta de magistrado, carregada de documentos que representam as graves responsabilidades, a que correspondem os maiores deveres. E' dentro d'esses deveres que a mulher se nobilita e o seu sêr moral se aperfeiçoa pela independencia economica e pela integridade de principios que a emancipam das banalidades futeis robustecendo-lhe o caracter.

E' assim que ela ha-de impor a sua anonima influencia á consciencia preguiçosa dos retrogrados, exercendo com metodo e acerto as funções do lar e da sociedade.

Aqui está porque a estreia de D. Regina Quintanilha é um passo para a evolução. Ela não será sómente a causidica inteligente e culta instalada na sua banca de advogada, como profissional distinta, contando magnificas condições para uma esplendida carreira de interesses materiais. Será mais e

muito mais do que isso. Será uma projecção eloquente dos tesouros de intuição feminina. Será uma incarnação simbolica da justiça renovadora diluindo, por meio de verdade, os traços da legislação classica provinda de concepções desumanas e mergulhada na sombra e no misterio dos segredos da psicologia em embrião.

A sua voz percursora repassada de suavidade e impregnada de carinhosa razão, penetrará mais facilmente na consciencia social. E vibrantemente persuasiva, acordará o gesto humano que eliminará os carceres e os presidios, estabelecendo e generalizando o sistema da penalidade agricola como unico meio de castigo e regeneração compativel com a irradiação das luzes modernas.

Subindo do coração humanitario e generoso ao espirito culto e arguto, essa voz será um eco das investigações scientificas que condenam a reclusão lugubre das celulas penitenciarias onde a cegueira da razão alastra, onde se produz a morte em vida, o desastre esteril de naturezas morbidas e taradas, a derrota de sêres aptos para o trabalho, e criminosos irresponsaveis por influencias hereditarias ou assimiladas em meios corrompidos e viciosos.

Que essa voz seja na atmosfera pesada dos tribunais um grito comovente, solene de justiça. Que ela faça surgir uma renascença de verdade que ilumine e resgate como na Genesis Biblica a resurgir da luz evocada pela palavra inspirada e divina dos profetas.

Que ela conquiste, nobilite e aperfeiçôe pela graça e pelo exemplo da delicadeza, pela consideração que consegue impôr toda a mulher que tem a alta noção da dignidade propria reunida ao culto ardente e puro de ideais em que resplandece o alvor da redenção.

---

# AS REVOLUÇÕES E O POVO

A' sr.ª D. Virginia de Castro e Almeida.

MINHA Senhora: — O seu belo artigo «O Povo na Guerra», publicado na *Capital*, do dia 6 de Junho, sendo uma afirmação da sua admiravel capacidade pensante e sentimental, é tambem uma expressão das grandes verdades, que abrem o caminho dificil das nobres e igualitarias justiças.

Comungo plenamente nas suas ideias. As nossas almas de mulheres requeimam-se na mesma anciedade precursora e vibrante, que se inspira n'uma alta concepção humanitaria. Estremece-nos a intensa sensibilidade, que, sendo toda de amor pelos que

sofrem, é toda de revolta contra as causas ilegais d'esse sofrimento.

Dizia-me ha dias o eminente sabio e meu venerando Mestre dr. Teofilo Braga, que é a nós, mulheres, a quem compete assumir a missão de arbitros da paz futura, perante esta pavorosa crise de guerra mundial. Segundo o criterio da sua equilibrada, poderosa e culta mentalidade, que é um prestigioso esteio de uma nacionalidade em perigo, o nosso protesto deve levantar um brado de razão e de justiça. E, desenvolvendo todas as faculdades de reflexão, observaremos os factos dentro de uma logica retemperada de razão e sentimento, para fazer o balanço das causas e efeitos que engendram o mal estar social de que se originam as guerras.

Segundo as leis da felicidade humana e as investigações scientificas, conseguiremos provar á legião ludibriada dos partidarios da guerra que a emancipação social nunca passará de aspiração emquanto os destinos das nações se decidirem pelas armas, pela carnificina, pela violencia, pela força exterminadora e infernal das infernais e monstruosas invenções de guerra.

O que ha a fazer não é matar para viver. E' viver, é criar, é amar, para matar

sómente todos os germens da imperfeição e da infelicidade. Heroismo e gloria dos homens e das nações modernas deve ser aquele que vence e que combate em si e nas sociedades as más paixões e as afecções de degenerescencia. Cada revolução nacional ou internacional é o fermento de uma nova revolução, proxima ou futura, é uma chuva de crueldade e depauperamento que cai sobre consciencias informes, sobre raças definhadas em atmosferas corrompidas.

Vida que nasce da morte; luz que nasce do mal; triunfo que nasce do sangue; conquista gerada na tirania, na devastação, jámais podem crear a arvore frondosa que gera frutos perfeitos de uma estavel e verdadeira civilização.

¿E o povo?! O povo ignorante, inconscientemente cumplice da sua propria opressão, a maquina produtora de todas as regalias sociais, a resignada vitima do suor amargo, fecundando a terra, que nos alimenta, regando-a com o sangue do seu sacrificio; o povo humilde, obscuro *heroe* da resignação e da dôr, esse que caminha impavidamente para a morte, é esse tambem que, como a sua intensa alma de mulher, a minha alma envolve n'um comovido e revol-

tado interesse, n'uma sentida e piedosa ternura.

¡Pobre povo de todas as nações! ¡Como esta guerra mundial marca ao presente a fatalidade do seu destino! Dá-se-lhe armas para matar, matando-se; em vez de luz, de trabalho, de exemplos de nobre solidariedade, que constituem a divisa da felicidade humana. E ele lá vem para a morte, ebrio de sugestões de sangue, corrompido de vicios, saturado de crueldade maquinal, que é mais o fruto da ignorancia do que propriamente da natureza. E mata e morre, em cardumes, aos milheiros, convertido em fera, em Centauro, tantas vezes em nome de uma problematica honra nacional, de uma felina e cobiçosa ficção de interesses feudais, que bem póde ser capricho, vaidade, egoismo, ambição voraz e despotica de potencias tiranas.

O que ha a fazer não é instigar guerras, é preparar o terreno onde frutificará a paz e o trabalho, como correntes de progresso universal.

O que ha a fazer é combater os agentes de perturbação, que se provam no episódio que vou contar.

Eram quatro horas da madrugada, d'essa madrugada confrangedora que sucedia ao

tragico dia 14 de Maio. Na inquietação que oprime os espiritos reflexivos e observadores, eu velava, meditava e sofria. A natureza resplandecia, n'uma harmonia de beleza e de serenidade.

Miriades de estrelas cravejando um céu de opalina e maravilhosa transparencia. Perfumes acres de seivas creadoras alastravam em ondas de renascimento, na pujante primicia das arvores em flor.

Os cilios luminosos da estrelinha de alva afrouxavam em tremulos lampejos. Esvaíam-se sob a humida gase da nevoa vespertina, para ceder o seu triunfo de brilho á rosea aparição da aurora, á gloria do astro-rei, que doura as messes, que amadurece os frutos e matiza os prados.

¡Madrugada de esperanças, de beleza e de luz, surgindo de entre um contraste de treva!

Esse contraste de morte, em plena harmonia cosmica, vinha das bandas da Rotunda, n'um tiroteio de armas, entrecortado do estampido sinistro dos petardos, repercutido para além dos montes que circundam a historica cidade de granito. O Rocio estava deserto. Corria o boato de que ia ser bombardeado o quartel do Carmo. O medo retraíra os notivagos. No emtanto,

alguem se expunha ao perigo. Era um ebrio, que, em meio da praça, soltava blasfemias e obscenidades, em voz rouquejante e avinhada. D'ai a pouco surgia esturdiamente, de uma esquina, um troço de civis armados, de aspecto pobre e desalinhado. E, para completar o quadro, um grupo de vendedeiras de amores faceis, formava com eles a associação dos *heroes* da desgraça, da ignorancia e do vicio. Era altamente simbolico aquele episodio noturno. Estavam naquele instante em foco os factores da desordem social. O alcoolismo, requeimando as consciencias, produzindo as mil perturbações nevroticas e patologicas. A prostituição legalizada exacerbando vicios e abusos sexuais. A libertinagem de costumes e de linguagem depravando almas e caracteres. E, emquanto o ebrio cambaleava, vomitava, praguejava e os *heroes da desgraça* dançavam lubricamente, cantando trovas pornograficas, o alarme da morte, o estralejar dos tiros, a luta do sangue, profanavam a grandeza d'aquela noite primaveril e creadora, renegavam as leis de amor e de humanidade, transformando os homens em sêres animais, quasi antropofagos. As causas d'esta luta proveem do ignorancia, da falsa noção da vida e dos seus fins, do erro

que impele o homem a procurar nos vicios, prazeres que são ruina e morte e o arrastam a ambições que fermentam guerras.

O que ha a fazer é matar vicios, não é matar vidas. A sciencia demonstra que as leis da natureza são leis de bondade. E que não é na sêde feroz de sangue, na baínha das espadas, na lamina dos punhais, na guela morticida dos canhões, na aza sinistra dos aviadores, que está a solução do grande problema emancipador. Pelo seu lado moral, depende da educação dos costumes. Depende da sêde de luz, da sêde de amor, da sêde de justiça.

Luz que ilumina as consciencias, amor que retempera as almas, e verdade que floresce em justiça, cristalizando em laços de verdadeira solidariedade. E' esta sêde que deve devorar a alma da mulher, para se apagar na fonte do Bem, em vez de sufocar a sua verdadeira missão no ambiente torvo das associações secretas, instigando e aplaudindo revoluções de sangue, quando a sua função deve ser inspirada na tolerancia, na harmonia, na bondade.

Era isto o que eu pensava na noite angustiosa que sucedeu ao dia da luta morticida de irmãos contra irmãos. Instintivamente puz-me a folhear a *Revue*, a brilhante

revista francesa de que é director o eminente sociologo Jean Finot. As primeiras paginas são consagradas aos efeitos do alcoolismo. N'esta crise de aniquilamento, esse assunto preocupa as mais celebres mentalidades francesas. E as forças intelectuais de maior supremacia conjugam-se para dar impulso ás conquistas da moderna sociologia. Preparam o terreno de uma nova civilização, que florescerá em vitalidade espiritual depois que a bandeira da paz desdobre a sua aza de neve e amor sobre o campo ensanguentado e putrefacto da guerra.

E cá, ¿o que fazemos nós? Os politicos acirram revoluções, os intelectuais dispersam-se em rivalidades e pessimismo, bastante alheios aos graves problemas de reconstrução social. A indiferença, que geralmente corresponde á iniciativa dos raros devotos da verdadeira religião emancipadora, é o activo do escasso movimento civilizador.

A prova estava diante dos meus olhos. Ao lado da «*Revue*» estava o programa de uma instituição que, sob a divisa «Liga da Moralidade Publica», se destina a promover uma laboriosa campanha contra o alcoolismo, o tabagismo, a prostituição, os abusos alimentares, os costumes pornogra-

ficos, os divertimentos barbaros, fazendo larga propaganda de ideias novas, relativas ao culto das gerações. Os seus iniciadores vieram pedir-me protecção. Tenho-os acompanhado na odisseia de insucessos e tentativas dependentes da questão economica. E compunge-me deveras notar o desdem, o pessimismo dissolvente que correspondem ás audaciosas intenções d'esses moços, em cujo olhar flameja a chama de um largo ideal precursor, fixo na esfera das fecundas aspirações. Mas, se confrange o glacial cepticismo que corresponde á sua tenacidade de obreiros da luz, ao mesmo tempo essa persistencia consola e enternece aqueles que se sentem exilados na sagrada tarefa do Bem. E' de crer, porém, que o sol da verdade descongele o retraimento ennervante dos animos. E que todas as forças jornalisticas, intelectuaes e argentarias, se dêem as mãos, n'um gesto empolgante e comovido, para fazerem desabrochar sob os clarões auspiciosos de uma aurora libertadora os frutos da solidariedade, que são a gloria das sociedades progressivas.

# CARTA DE UMA MÃE A DOIS AMIGOS

MEUS AMIGOS:

ENCONTREI-OS hoje com intervalo de alguns instantes.

Denunciavam ambos, nos semblantes contraídos, desconsolo, amargura, desalento. Havia nos seus gestos, nas suas atitudes aquela lassidão enervadora de quem sente que a vida é por vezes um fardo de pesadelos, de contratempos, de nostalgias.

Queixava-se-me o primeiro das perturbações que iam lá por casa. Que crise terrivel, santo Deus, a que estava atravessando o seu *ménage!* A esposa n'uma agudissima

neurastenia. Nem sabia já como acalma-la. Tudo a inquietava, tudo a fazia sofrer.

Por nada estremecia-a um choque violento que a prostrava em horriveis sacudidelas de nervos, em crises de choro convulso. ¡Ia tão bem a sua vida! Trabalhavam muito, ambos, é certo. Mas afinal, era consolador crear uma independencia economica por um trabalho perseverante, util, dignificador. A sua casa era calma, era feliz. Havia ordem, harmonia, aspirações de um belo futuro. Mas desde que viera a doença, pairava sobre o seu teto uma nuvem de receio e perturbações. Os pequenitos, coitadinhos, andavam espavoridos, requeimados de inquietação. Quando ouviam a mãe em ataques, aos gritos, o pobre casalito de avesinhas que careciam de espaço limpido e sereno, para crescer, voar e chilrear alegremente, andavam tristes, descaídos e mudos como duas andorinhas a quem tivessem destruido o ninho brando aconchegado no beiral de um telhado protector.

E o meu amigo dizia-me quasi em lagrimas: «Ontem de manhã, ao entrar na alcova dos meus filhos, tive uma sensação pavorosa. A minha filha parecia um cadaver. Palida, macerada, a boca livida, um

vinco profundo e violaceo afundando-lhe os olhitos na concavidade emagrecida das orbitas. Parecia uma açucena envelhecida, crestada antes de desabrochar em toda a sua plenitude de graça e perfume. ¡E todo o dia me pungiu a visão tetrica da minha filha que parecia amortalhada! ¡Que infelicidade me presegue!, dizia o meu amigo com a voz sumida, entrecortada de comoção, expirando n'um profundo suspiro de desalento que abafava as imprecações de uma torturante agonia de espirito. E queixava-se de indisposição para o trabalho, de ennervamento nevrotico.

Ia para trabalhar, e, não tinha forças nem ideias. A pena que chispava scentelhas de arte, só traçava agora coisas amargas, sem colorido, sem expressão, sem beleza. E a derrocada economica, tratamentos cirurgicos, medicos, emfim, um desequilibrio total de interesses morais e monetarios.

E pondo em relevo as qualidades e meritos da companheira, a sua inteligencia, a sua solicitude domestica, o seu labor de trabalhadora, o meu amigo lamentava que a doença a tivesse perturbado. Uma tal vida era um suplicio atrós!»

Despedimo-nos. O meu amigo seguiu em passo alquebrado e lasso, uma ruga

de amargura encrespando-lhe dolorosamente a fronte, uma contracção de angustia enrugando as faces de um colorido acobreado de meridional.

Poucos passos adiante apareceu um segundo camarada que se me dirigia. E logo colhi a repetida denuncia de outra inquietação dolorosa. O mesmo andar de lentidão cansada, a voz confrangida e dolente, o olhar magoado e triste. Era outro descontente da vida. O medico da casa diagnosticára o prenuncio da terrivel tuberculose n'uma filhinha estremecida, uma encantadora primavera de quinze anos.

Era o seu enlevo, essa adoravel criança. Loura como uma princezinha de lenda, boa como um orvalho do céu, mimosa como uma sensitiva, gracil como um lirio e amoravel como um cantico de rola. Principiára de definhar-se. Esvaía-se-lhe o colorido das faces lindas, de um tom leve de rosa diluida em jasmins.

Uma tristeza morbida a invadia. Mirrava em definhamentos depressivos de neurastenia. E o meu amigo dizia mal da vida, e do abatimento que o invadia.

Até falava em suicidio, sentia-se mal disposto para a luta aspera que derruba, ao primeiro embate, aqueles que só

vivem do trabalho e do esforço intelectual.

Confrangida e perturbada, eu embebia na humana piedade dos meus olhos, a angustia que humedecia as pupilas maguadas e penetrantes d'aqueles olhos de pai amoravel e bom. E ocultava um vago pressentimento, no meu artificial optimismo que com razões suaves e humoristicas tentava desviar da sombra negra de um presagio, o coração receoso e ferido do meu amigo. Mais queixas ouvi ainda no desabafo de quem precisa de que as almas sensiveis partilhem os seus desalentos retemperados pelo carinho que os suaviza em consoladoras manifestações de pura estima. Ainda um outro filho lhe dava serios cuidados. Não estudava, era estroina, era fraco. Tinha caprichos, excentricidades, defeitos. Era impressionavel, exigente. Os professores queixavam-se d'ele, a mãe irritava-se com as suas diabruras, com a sua indisciplina de rebelde modificação. E no entanto, o pequeno era bom, era inteligente, tinha contrastes. Fazia mal e arrependia-se. Mas ao outro dia continuava.

A pobre mãe ia ficando impaciente, exaltada, sendo uma natureza mansa e resignada. E' que viver em arrelia, é azedar o

caracter, é preparar fermentos de colera. Nenhum temperamento, por mais doce, resiste a uma vida constante de mau humor e descontentamento. Véem as perturbações organicas. E a impaciencia, o azedume estraga o animo e a saude.

Eram horas de jantar. E o meu amigo, tendo esboçado o quadro dubio e amargo da sua vida publica e domestica, despedia-se. Como do primeiro encontro, um rastro de pungente e opressivo pezar contraiu os poros sensiveis do meu coração. E fiquei-me a pensar que a alegria da vida é um palido e fugitivo sorriso ennevoado de sombras, toldado de tristezas, intercalado de penosas sensações.

Comparei-a a um pelago de dores em que se afogam tantas existencias como barquitos ligeiros de esperanças e insaciadas aspirações, esfrangalhado pela tormenta.

Vim para casa meditando, embevida em reflexões profundas, alheada do bulicio fervilhante que faz das ruas da baixa, pela tarde, uma provocante vitrina de exibições de ambos os sexos garridos, pueris, rivais e desconhecidos, atraindo-se e atraiçoando-se.

Ao sentar-me á minha mesa de trabalho, olhei com mais carinho e veneração a alma

filosofica dos *meus sociologos* incarnada nas paginas dos seus livros que os meus amigos ás vezes acham fastidioso folhear. Puzme a procurar alguns capitulos com maior devoção porque n'eles desvendo a verdade, que de ha muito eu sentia viver dentro da logica experimental da minha vida. Em cada argumento se me depara o atestado racional das cogitações que por intuição, desde longos anos, vinha traçando em tintas de penas e amargura, nas folhas do meu diario de impressões. E são elas, essas maguas, que ao caminhar para o poente da vida, reverberam em lampejos fosforescentes de verdade e de luz esclarecendo a razão da amiga ideal e comovida que vem dizer-lhes:

«Quando os oprimirem as dores que me referiram, façam d'elas um Evangelho de meditação. Revolvam as causas que as determinam. Dediquem-se ao estudo dos factos destrinçando com o bisturi da sua inteligencia exuberante, o organismo disforme da sociedade convencionada e mentirosa. Leiam os meus filosofos para se apaixonarem por eles, convertendo-se em apostolos das suas doutrinas redentoras. Ajudem com os primores da sua arte, a introduzir na inconsciencia da multidão, a logica rege-

neradora que elas exprimen. E, concordando com o que vou dizer-lhes, sentirão através das dores que os afligem, que lhes alanceiam o coração de Pais, despertar e crescer a convicção de que é um dever sagrado promover activamente o culto das gerações, o culto do aperfeiçoamento da vida e dos sêres.

Porque a causa que faz dos seus filhitos umas hastesinhas frageis, doentias, anemicas e taradas já vem de muito longe. Veio dos avós, reflectiu-se nos pais e reproduziu-se nos filhos. E absorve-se tambem no ar sufocante de injustiça que dá ao homem armas de liberdade, de direitos com que fere e destroe os da esposa acorrentada á ilegalidade de uma falsa e revoltante posição de indefeza.

Nós, pobres mulheres, sofremos. E os meus amigos, e outros homens, sofrem as consequencias dos nossos sofrimentos que vacinam a seguir os nossos filhos.

No caso dos meus amigos ha um cruzamento de influencias diversas e perniciosas. Ha talvez mães que foram meninas, criadas segundo as formulas classicas, n'um circulo depressivo de austeridade, de rigor, de principios inflexiveis que enclausuram a natureza das pobres raparigas, dando á sua

consciencia apenas impressões de vagos misticismos, restringindo, á religião e ao preconceito, as divagações de imaginações moças e ardentes que se ennervam á falta de expansões vivificantes e sadias.

Depois, naturezas nervosas e irrequietas, revoltadas pela opressão e a direcção aspera e rigida.

Por fim imaginações confinadas n'um limite estreito e tedioso que degenera em romanticismo ennervador, que vai consumindo, n'um *esplen* de anciedades intimas, a adolescencia das frageis raparigas.

Os rapazes vão para as escolas frequentar meios dissolventes, entre companhias que os arrastam aos vicios, á indisciplina, á desordem. Ninguem os protege, ensinando-os a fugir da tentação e da imoralidade.

E as raparigas reprimem-se, fechadas em casa, sem distracção nem higiene.

Ah meus amigos, ¿a filhita de um parece uma acuçena macerada, á hora em que um sono reparador transforma um rostosinho de criança forte, n'uma rosa fresca, resplandecente de graça e de viço? ¿A fadasinha loura e mimosa que é o enlevo de um Pai extremoso, é uma encantadora presa que a fauce carniceira da tuberculose ameaça tragar? ¿E a vida agitada dos avós? ¿E as

aventuras galantes, os abusos de toda a especie que requintam em sensualismos de corpo e espirito, nos filhos que virão a ser os pais anormais d'essas crianças?

¿E este ambiente de mentira em que cada molecula de ar que nos alimenta, cada corrente de oxigenio que respiramos, são outros tantos venenos que nos ennervam, que nos transformam em celulas de dôr ondulando ao sabor das paixões que nos assaltam, encontrando-nos fracos, fazendo de nós uns insaciados, uns descontentes, uns neurastenicos? ¡Pobres crianças que são os nossos filhos, meus amigos! ¿Que culpa teem eles dos seus defeitos, da sua natureza caprichosa de contrastes, da sua disposição erotica impelindo-os para as tentações morbidas de que porventura os acusemos?

Não temos o direito de os condenar. Cumpre-nos, desde que a luz da verdade nos esclarece, o dever de os tratar como uns doentinhos, com carinho e doçura.

Esticar esses nervosinhos com castigos, revolta-los com reprimendas asperas, ferir-lhes o brio pondo em destaque os seus irresponsaveis delitos, atanazal-os com rigor, ¡é um crime cometido por muitos pais que assim os geraram e tão superficialmente os educam! Meus amigos, a perturbação dos

seus *ménages*, é um dilema que o destino das coisas oferece á sua missão de evangelizadores. A nevrose das esposas, a fraqueza de crianças magritas, vibrateis, maceradas, defeituosas, contém em si o toxico de muitos erros sociais que indicam a urgencia de humanizar os direitos dos sexos.

Não póde ser. Todas as liberdades para o homem, e todos os deveres para as mulheres. O adulterio um crime na mulher; e uma *quasi virtude* no homem a quem os amigos, pervertidos em aventuras pagãs, impõem como carta de *recomendação* as conquistas amorosas que exploram o mundo da coqueteria feminina, exgotando a saude, arruinando os haveres, e destruindo a paz conjugal.

Emfim, se existisse uma outra compreensão da vida, far-se-ia consistir a felicidade, os prazeres, em emoções mais puras. E em vez dos homens se desorientarem em conquistas que degradam; em vez de procurarem na mulher sómente o materialismo achariam na vida do espirito, na serenidade harmoniosa e estetica do lar, na educação da vontade que eleva a um grau de aperfeiçoamento moral, no cuidado da saude que fortalece corpo e alma, uma finalidade superior de aspirações que lhes daria a alegria de vi-

ver. E assim, não viriam as neurastenias e a discordia perturbar existencias unidas para crear a felicidade. Os pequenitos não teriam no leito o aspecto de flores trituradas, não andariam com o ar espavorido de andorinhas sem pouso, que tremem ante o sofrimento dos pais. E as mães que tanto lhes querem, se fossem *fortes*, poderiam reprimir-se compreendendo o mal que representa no futuro dos filhitos, as perturbações que os abalam.

E não estaria em risco de desfolhar-se n'um caixãosito virginal e branco, a graça florida de uma criança de quinze anos. ¡Pobre criança! ¡Como eu, anelando a sua felicidade, desejo talvez a sua morte! ¡Como me confrange que esse lirio de meiguice e candura, esteja destinada a um «Calvario de Mulher»! Antes a tuberculose que a empolgue como uma flor que se afoga na transparencia de um lago de sonhos insatisfeitos sem que haja bebido o trago amargo da escravidão que pesa sobre a vida da mulher oprimida.

Antes a morte, sim, do que a penitenciaria de um lar que lhe está destinado e onde imperará o despotismo, e a rudeza. A ingenua e timida sensitiva, morreria talvez n'um sonho. E' menos angustioso do que morrer entre as grilhetas de um destino

impiedoso, ás mãos de um homem que inconscientemente a irá minando de desgosto, de egoismo, de opressão e rigor.

E' doloroso, para os pais, mas é mais humano. Porque acabará n'ela a dôr mortal que o seu seio de mãe multiplicaria na geração atrofiada e morbida.

¿E morre porventura quem não tem vivido?

¡Pobre flôr estiolada! ¿Quantos anceios de vida, quanta aza de sonhos reprimidos vibrarão na alma inquieta d'essa rapariguinha gentil, que tem no sangue o germem de naturezas intensas, vibrateis, sonhadoras? ¿E que mães sabem tactear subtilmente o misterio vago, indefinido, de uma alma virginal que desabrocha? ¿Quem lhes ensina a perscrutar as palpitações d'essas vidas em botão, a surpreender as suas exigencias de coração, as perturbações da puberdade, a preparar-lhes previdentemente um ambiente proprio? Espaço, luz, alegria, impressões gratas, ginastisca fisica e espiritual é do que elas carecem para que cresçam fortes e belas, sentindo e semeando a alegria de viver.

Eu penso que a melhor prenda oferecida a uns noivos, seria uma biblioteca de obras que instruissem em todas as fórmas

de educar crianças, de viver saudavelmente e de preparar um melhor futuro para a vida das novas gerações.

Por isso, meus amigos, acompanhem-me no meu fetechismo pelos *meus filosofos* que nos apontam os meios de crear a felicidade. E, sobretudo, não tentem apagar com pessimismos e descrença desanimadora, a chama ardente que crepita n'uma alma intensa vivendo calcinada de penas sob os escombros do passado.

Quando os abater a dôr, pensem na sua fé, no seu sacrificio, exaurindo-lhe todas as energias em excessos de trabalho e de vigilia para que outros não sintam no futuro, o travor acre do fel, que trasborda do seu calix de amargura.

E depois, proximos pela dôr, confraternizemos n'um largo e sublime anelo de redenção.

# UMA MARTIR

QUANDO a vi entrar na ampla sala de jantar de uma estancia de repouso, reconstitui logo um drama de dôres que acabam sempre na derrota das forças fisicas e morais. O seu perfil delicado e atraente, retocava-se de sombras abatido n'uma melancolia devoradora e profunda. O olhar inteligente e doce, esbatia-se em reflexos de amargura e desalento, fixando-se vagamente nos verdes horizontes que se avistavam para além da galeria envidraçada. Nada sabia da sua vida. Mas advinhei-a por instinto. E não me enganei. Em breve me certifiquei de que acertára nas minhas previsões um tanto inspiradas na experiencia.

Informaram-me de que fôra uma linda e forte rapariga. Gentil de corpo, e formosa de alma e de espirito, tinha direito á felicidade. Era alegre como uma toutinegra, e activa e ligeira como uma andorinha. Fôra criada para semear e colhêr alegrias, sorrisos e encantos no decorrer sereno da vida. E afinal, estava ali acabrunhada, curvada e doente.

O rosto que tivera o viço de uma açucena setinosa e louçã, amarfanhava-se de rugas precoces, desbotado n'uma palidez anemica e macilenta.

O busto, que fôra gracioso e forte como uma escultura grega, deixava adivinhar a magreza extrema que mal se disfarçava sob o tecido afofado do vestuario, recurvando o tronco em lassidões de uma debilidade aguda.

Como fôra que assim se transfigurára aquele corpo esbelto onde resplandecia a pujante beleza de uma mocidade viçosa?

Os seus encantos seduziram um homem.

Tornou-se sua esposa. A mocidade d'esse homem fôra agitada. Estroinices, ceias, aventuras, e lá se foi a saude na voragem de impulsos irreflectidos e debilitan-

tes. E o caracter, já de antemão irrascivel, por natureza e educação tornou-se de uma aspereza colerica e doentia.

Como recebêra do pai o exemplo da irritação e do absolutismo que fizera da mãe uma vitima, continuou a obra devastadora do progenitor atormentando a boa e resignada esposa que o destino lhe concedêra. Em casos d'estes, o egoismo converte-se n'um fanatismo que, vendo só o *eu*, não pensa senão em martirizar os que vivem acorrentados ao poder do forte.

E então a vida d'esta martir, tornou-se n'um suplicio de todos os instantes. Vivia n'uma luta constante de espirito, n'uma sujeição perturbadora d'aquela vontade erotica e irrascivel de que a educação e o exemplo fizera o flagelo da familia.

Foram longos anos de tormento, não só pela doença que excitava cada vez mais um organismo gasto pelo abuso das forças, como pela disposição proveniente do mau exemplo que deprime e maltrata os direitos da mãe em frente do filho destinado um dia a ser esposo.

E agora, ali estava triste e doente, tão nova ainda, e a caminho da tuberculose, a martir dos preconceitos que teem como dogma a dureza e o egoismo que consome

e ofende. A sua resignação fôra um poema de heroismo. Mas afinal não ha dôr que resista a uma consumição lenta e pertinaz. Tinha tres filhinhos que careciam do seu carinho, da sua ternura, da sua bondade.

Tanto mais que vivendo n'uma atmosfera sufocante de mau humor, esses animos infantis ressentiam-se de seu maligno efeito, que mais tarde se converterá em nevrose aguda. Mas tinha que deixa-los para procurar um pouco de forças em casas de saude. E julgando-se a caminho da morte, ¡como a pobre mãe sentia o presagio da fatalidade que infelicitaria os seus filhinhos entregues a mãos estranhas e rudes!

Uma noute falei-lhe.

¡Quanta tragedia de amargura adivinhei nas reticencias delicadas que sufocavam a queixa nos seus labios amoraveis franzidos n'uma crispação de tortura!

Por acaso, a conversa recaira sobre uma amiga d'ela que eu conhecia. ¡Com que expressão de bondade resignada se referia á felicidade d'essa amiga, á harmonia de seu *ménage*, á alegria exuberante e comunicativa que ela levava a todas as casas onde entrava! E era verdade. E' que essa amiga, assim como o marido, nasceram n'outro meio, criaram-se n'outro ambiente, educa-

ram-se n'outros principios de brandura, de delicadeza, de respeito que ao presente constituem um fenomeno na vida domestica.

O marido dava toda a felicidade possivel a essa esposa graciosa, que lh'a retribuia em ternura, em respeito, em alegrias, dando-lhe filhos sadios e bonitos que se geram no seio da mulher feliz, vivendo calma e satisfeita. Era um casal adoravel, era uma familia perfeita. Cultivavam a saude, a bondade, a beleza, o bom humor, a brandura. Educavam-se mutuamente pela persuasão. Nunca se irritavam um com o outro, nem com os filhos, ou com os creados. Respirava-se uma atmosfera de respeito, de superioridade moral n'essa casa que era um simbolo de felicidade.

Os filhos, eram flores de carne, viçosos e lindos. Representavam a vida tal como devia ser concebida. Por isso a mãe era jovial e atraente.

E a pobre martir que a ela se referia, incarnava a figura desolada e tragica do desalento e da tristeza. Uma era a vida a florescer, outra era a morte a desvastar. A razão triunfando na verdade. E o erro medrando no preconceito.

Enquanto de um lado se reproduziam

elementos de vitalidade nos filhos que continuarão gerações robustas e bizarras, do outro cultiva-se entre a irrascibilidade morbida e decadente, uma legião de infelizes depauperados. Eis aqui n'este contraste a solução do problema moral e social pelo qual devemos trabalhar com ardor e solidario desvelo.

Porque é no seio das mães martirizadas, que teem origem muitas dos males que causam o grande mal da humanidade.

# INDICE


| | Pag. |
|---|---|
| INTRODUÇÃO | XIII |
| A' Excelentissima Senhora Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos e minha idolatrada amiga | 1 |
| Filho! | 7 |
| Verdade | 15 |
| Fiat-Lux | 17 |
| A harmonia dos sexos. | 29 |
| Conferencia realizada em Coimbra n'uma festa de solidariedade academica | 57 |
| Segunda conferencia realizada no Instituto de Coimbra | 71 |
| A pseudo-inferioridade da mulher. | 89 |
| O ideal feminista | 95 |
| Anomalias — *A Mayer Garção.* | 113 |
| O avesso dos preconceitos — *A Justino de Montalvão* | 118 |
| Os erros sociais — *A Souza Costa* | 125 |
| Despedida — *A' minha querida amiga Antonia Medicis* | 129 |
| O trafico do vicio | 135 |
| Confraternização feminina | 139 |
| Os rigores penitenciarios. | 143 |
| Triunfo feminista — *A primeira advogada portugueza Regina Quintanilha* | 149 |
| As revoluções e o povo — *A' sr.ª D. Virginia de Castro e Almeida* | 163 |
| Carta de uma mãe a dois amigos | 173 |

# ERRATAS

Algumas erratas escaparam á revisão d'este livro, como na pagina 6 o nome de Schopenhauer e outras de menor importancia, que a inteligencia dos nossos benevolos leitores facilmente corrigirá.

# Obras da mesma autora

---

## Publicadas:

«Conferencias».
«Para as crianças».
«Argumentos».
«Verdades».
«Calvario de mulher»

---

## A saír em breve:

«A Biblia do Lar».
«Cartas a Luiza».
«Redenção» (romance).
«Cartas de amor».
«Os contos da Avósinha» (literatura infantil).

L.